



# CADE A CONTRIBUIÇÃO NEGRA QUE ESTÁ AQUI??

*Grupo "Memória Afro-Amazônica"*

Roteiro e Organização: Hilma Cristina Maia Guedes e Thiago Alan G. Sabino  
Elaboração: Pesquisadores Mirins do grupo "Memória Afro-Amazônica" do  
Clube do Pesquisador Mirim – 2008



Ministério da  
Ciência e Tecnologia



## Expediente

**Diretora do MPEG**  
Ima Célia Guimarães Vieira

**Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação**  
Nilson Gabas Junior

**Coordenação de Comunicação e Extensão**  
Nelson Rodrigues Sanjad

**Coordenação de Museologia**  
Wanda Okada

**Chefe do Serviço de Educação e Extensão Cultural**  
Luiz Fernando Fagury Videira

**Coordenador do Projeto Clube do Pesquisador Mirim**  
Luiz Fernando Fagury Videira

### Grupo “Memória Afro-Amazônica”

**Instrutores do Grupo**  
Hilma Cristina Maia Guedes e Thiago Alan G. Sabino

**Pesquisa e texto**  
Integrantes do Grupo Memórias Afro-Amazônica

**Projeto Gráfico**  
Edson Luiz Costa Lopes

**Fotos e Ilustrações**  
Internet

**Apoio Técnico Científico**  
Joana Carmen do Nascimento Machado (SEDUC)

**Revisão**  
Maria Lúcia Morais e Jimena Felipe Beltrão

**Colaboração**  
Elieza da Silva Mendonça

## Elaboração



Amanda Gonçalves Oliveira  
Ana Carolina Dias Macedo  
André Luiz Sacramento  
Arthur Santos da Silva  
Bruno Pantoja Figueiredo  
Catharina Cruz Lopes  
Danieli Silva da Silveira  
Deverlyn Modesto Baia  
Gabriel Buenaño França  
Giovanni Alves Viegas de Góes  
Julio Richard Furtado Serra  
Lana Carla Menezes Fernandes  
Lanif Pinheiro Tembra  
Lucas de Araújo Melo  
Luiz Augusto Souza da Silva  
Raíssa Fernandes de Vilhena  
Victor Lucas Nascimento Cardoso  
Wladerson Rodrigo L. dos Santos

# Apresentação

**Hã!?** Quem disse que a África fica lá nos **cafundós**? Ela está mais perto de nós do que imaginamos!



O grupo “Memória Afro-amazônica”, formado por alunos da 7ª e 8ª séries do ensino fundamental, pesquisaram e discutiram sobre a África, a partir da importância dos negros africanos na cultura brasileira. Refletiram sobre o processo de escravidão e a questão racial e realizou estudos sobre a população negra no Brasil, principalmente as que ainda hoje conservam suas memórias em comunidades organizadas, conhecidas como comunidades quilombolas!

Aqui você pode encontrar informações que deixam os brasileiros **encabulados**, muitas vezes não acreditando o quanto a presença negra faz parte do nosso dia a dia, e estes **carimbos** independem da origem étnica de cada brasileiro!

Sabe por quê? Você já parou pra pensar o que tem de africano na nossa fala, na nossa comida, nos nossos ritmos, nos nossos traços, enfim, no nosso modo de ser e de viver? Então, está na hora de conhecer e refletir sobre a face quase **encafuada** da identidade brasileira, mas é importante entender os diversos significados que existem em cada uma dessas manifestações, como formas de resistência, para expressar um jeito de sentir, de construir a vida.

Assim, uma receita de **feijoada**, **vatapá** ou qualquer outro prato, mais do que a combinação de ingredientes, é o retrato de busca de soluções para sua sobrevivência e de lembrança dos **quitutes** da terra de origem.

Da mesma forma, a **capoeira**, hoje um jogo muito apreciado por brasileiros, nasceu como instrumento de combate e defesa!

Para evitar **bagunças** na sua cabeça, e começar a testar seus conhecimentos sobre África, os africanos e sobre os afro-brasileiros destacamos, em alguns momentos do kit, muitas das palavras “de lá”, que falamos no “lado de cá” do oceano Atlântico.

Que sambista nunca viu um **agogô**, um **reco-reco** ou um **tan-tan**? Que apreciador de uma boa cachaça, após alguns goles, não teve vontade de dar aquela **cochilada**??!?

Mas se você não sabe muito sobre esse assunto não fique **encabulado**, muito menos **enquizado**! Não deixe seu conhecimento **capenga**, aproveite o **banzeiro** de informações, dando uma **cafungada** na cartilha e seja você também um **bambambã** no assunto!

Hilma Cristina Maia Guedes  
Instrutora do Grupo Memória Afro-Amazônica

*OBS: Para saber o significado de algumas palavras de origem africana em destaque nesta apresentação procure no capítulo Aqui se fala Afro?*

## Quilombos: símbolos da resistência negra

**D**e origem Banto - grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsaariana que engloba cerca de 400 subgrupos étnicos diferentes -, a palavra “quilombo” significa “acampamento na floresta”. Em nosso país foi o nome dado ao lugar onde os africanos escravizados se refugiavam nas matas, também conhecido como mocambo. Lá, podiam praticar sua cultura, falar sua língua e exercer seus rituais religiosos.

O mais famoso quilombo que se tem notícia no Brasil foi o dos Palmares, que ocupou uma grande área localizada entre os estados de Alagoas e Pernambuco, cuja principal figura era o negro Zumbi dos Palmares.

A história registra que existiam quilombos desde 1630 até a abolição, em 1888. No Pará, as comunidades remanescentes de quilombos são inúmeras e em diferentes regiões. Algumas delas já conquistaram a titulação de suas terras, outras ainda lutam por esse direito. Foi no município de Oriximiná que, pela primeira vez, uma comunidade quilombola recebeu o título coletivo de suas terras, no ano de 1995, mas só a partir de 1998 que o Pará passou a contar com uma legislação destinada à regulamentação do processo de titulação dessas terras.

Hoje existem no Pará cerca de 240 comunidades remanescentes de quilombos, distribuídas em oito regiões do estado: Marajó, Bragantina, Gurupi, Tocantina, Baixo Amazonas, Trombetas, Grande Belém e Guajarina.

Observe o mapa de cada região em destaque e descubra mais informações sobre as comunidades remanescentes de quilombos, cujas histórias estão recheadas de fatos interessantes!



### REGIÃO DO MARAJÓ

**O** Negro chegou ao arquipélago do Marajó no século XVIII. Grande parte das comunidades remanescentes de quilombos está localizada no nordeste do arquipélago, região de colonização mais antiga e que recebeu maior quantidade de africanos escravizados para trabalharem nas fazendas próximas a Cachoeira do Arari e nos arredores de Soure.

Atualmente, encontramos algumas comunidades oriundas desses grupos quilombolas, que são: Providência, Salva Siricari, Bacabal, Boa Vista, Caldeirão, Santa Luzia, Pau Furado, Barro Alto, Mangueiras, Paixão, Campina e Deus Ajude.

Encontramos também no município de Gurupá diversas comunidades, como: Alto Ipixuna, Alto Picuruí, Arinhoá, Flexinha, Jocojó, Maria Ribeira, Bacá do Ipixuna, Camutá do Ipixuna, Carrazedo, Gurupá Miri e Médio Ipixuna.



## REGIÃO BRAGANTINA

O surgimento de quilombos na Região Bragantina deu-se pelas fugas de negros escravizados das fazendas das regiões, por volta do século XVII. Os negros escravizados que negaram-se a viver sob o regime de escravidão habitaram terras próximas às que hoje compreendem os municípios de Bragança e Ourém. Atualmente restam na região as comunidades de: Cacau e Ovos, Peroba, Boa Vista do Ita, Jacarequara, Macapazinho, Mocambo, São Francisco do Ita, Cuxiú, Apeteua, Conceição do Ita, Menino Jesus, Santo Antônio, Retiro, Narcisa, Pau Amarelo, Pernambuco, Pitimandeuca e Itaboca.



## REGIÃO DE GURUPI

Por estar localizada em uma área de fronteira entre a então Província do Pará e Maranhão no século XIX, servia como espécie de entreposto comercial. Ali se desenvolviam também atividades ligadas à extração do ouro e criações de gados próximas ao rio Gurupi e Turiassú. Alguns negros fugitivos dos locais de extração de ouro criaram alguns quilombos. Destacamos atualmente as seguintes comunidades: Pau de Remo, São José do Piriá, Bela Vista do Piriá, Bela Aurora, Camiranga, Paca e Aningal.



## REGIÃO TOCANTINA

Representa uma das áreas mais importantes e antigas da colonização portuguesa na Amazônia. Os negros que foram trazidos para trabalhar nos engenhos da região, por volta do século XVII, desempenharam um papel importante no desenvolvimento da economia da local. Os engenhos estavam localizados às margens de rios que ficavam próximos a Cametá, Mocajuba, Abaetetuba e Igarapé Mirim. Os negros trazidos não aceitavam ser escravos e fugiam das fazendas, formando os quilombos.

Na mesorregião Tocantina, as comunidades se localizam nos seguintes municípios:

**Município de Oeiras do Pará:** Bailique Centro, Cupu, Franca, Igarapé-preto, Igarapezinho, Poção, São Bernardo e Teófilo.

**Município de Cametá:** Mola, Tomásia, Porto Alegre, Carapajo, Juaba, Mupi-torrão, Curuçambaba, Vila do Carmo e Maracú.

**Município de Baião:** Araquembau, Bailique Beira, Baixinha, Boa Vista e Umarizal Beira.

**Município de Mocajuba:** Mangabeira, São Benedito e Vizânia.

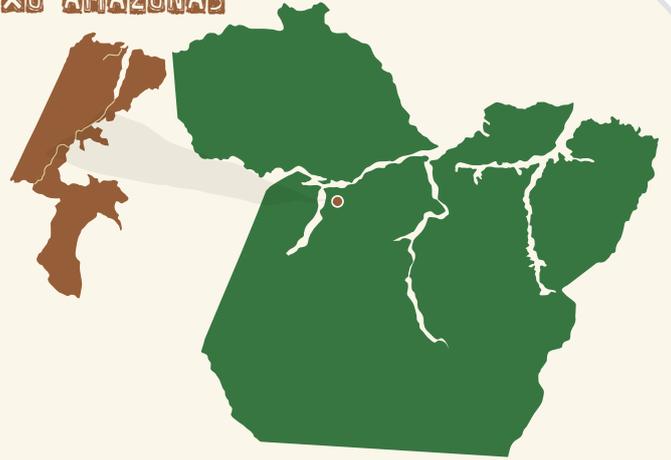
**Município de Bagre:** Baliero e Tatituquara.



## REGIÃO DO BAIXO AMAZONAS

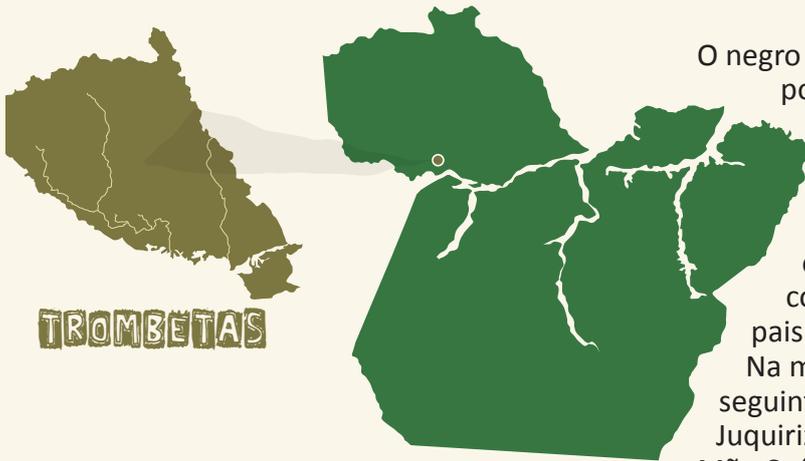
A presença do negro é muito forte principalmente nos arredores de Óbidos e Santarém. Os negros que habitavam os engenhos próximos a Óbidos tiveram uma grande dificuldade de fugir para os quilombos, devido ao forte militar que protegia o vilarejo contra invasões de estrangeiros e fugas de escravos. Atualmente, encontram-se as seguintes comunidades: Bom Jardim, Saracura, Murumuru, Tiningu, Murumurutuba e Arapemã.

## BAIXO AMAZONAS



## REGIÃO DE TROMBETAS

O negro africano foi trazido, para a região de Trombetas, por volta do século XVIII, onde serviu de mão-de-obra para os engenhos de cana-de-açúcar, lavouras de cacau e criação de gado, localizados próximos às várzeas do rio Trombetas e das cidades de Santarém e Óbidos. As fugas para os quilombos se tornaram mais difíceis devido à construção de fortalezas que protegiam as principais cidades da região, como Óbidos e Santarém. Na meso-região do Trombetas, encontram-se as seguintes comunidades: Cachoeira Porteira, Erepecu, Juquirizinho, Jamari, Juquiri, Boa Vista, Abuí, Tapagem, Mãe Cuê e Santo Antônio.



## TROMBETAS

## GRANDE BELÉM

O negro foi trazido para Belém no século XVII, para ser incorporado como mão-de-obra escrava nas grandes plantações que circundavam a cidade, substituindo o indígena. Desde o início se têm notícias de fugas de negros escravizados, que se organizavam em quilombos. Dos quilombos criados próximos à Belém, ainda hoje existem as comunidades da Baía do Sol e do Abacatal.



## GRANDE BELÉM

## REGIÃO GUAJARINA

Os negros africanos foram trazidos para a região Guajarina no final do século XVIII e início do século XIX, onde os barões e membros da Coroa pretendiam ocupar novas terras para se prevenir de ameaças estrangeiras. Alguns registros indicam que alguns quilombos da região Guajarina datam de 1790. Naquele tempo, o negro pôde adquirir experiências e aprimorar técnicas de lutas contra a dominação dos colonizadores. Todavia, com a intensa fuga na região, foi criada uma guarda, que tinha como objetivo proteger os engenhos, evitando que mais escravos fugissem, além de expedições que pretendiam recuperar os escravos fugitivos, que se escondiam nos arredores dos rios Bujaru, Guamá e Acará.

Atualmente, são encontradas na região Guajarina as seguintes comunidades: Ipanema, São Judas, Santo Antônio, Curupere, Curuperezinho, Itancoãmiri, Cravo, Campo Verde, Dona, Guajará-miri e Galho. Na região do Igarapé Jacarequara estão localizadas as comunidades de Monte Alegre, Paraíso, Tapera, São José e Itapuama.



## GUAJARINA

## Mas, afinal, o que é a África?

**P**ra não confundir a **cuca**, não se trata de um país, é sim do segundo maior continente, que ocupa 20,3% da superfície do nosso planeta. E você pode pensar que esse desconhecimento é um absurdo, mas não é. Muita gente fala da África como se lá todos tivessem os mesmos hábitos, os mesmos costumes e tradições, e a paisagem aquela que vemos nos filmes, o que não é verdade!

Na verdade, a África é um enorme continente, que ocupa aproximadamente 30 milhões de quilômetros quadrados e possui 53 países, onde são faladas, pelo menos, duas mil línguas. O continente africano conta com uma população estimada de 850 milhões de pessoas.

Apresentamos alguns aspectos que achamos serem importantes para refletir. Para começar, os diversos povos que habitavam o continente africano, muito antes da colonização portuguesa, eram **bambambãs** em muitas áreas do conhecimento, como a agricultura e a mineração, por exemplo. Essas populações também conheciam sistemas matemáticos bem elaborados e tinham conhecimentos que serviram de base para a ciência moderna, entre outros.

Infelizmente, a idéia quase generalizada que se tem, nos dias de hoje, dos povos africanos, não está relacionada ao grande conhecimento e nem à tecnologia dominada por essas populações. Para muitos, a imagem da África se refere à existência de **moleques** famintos e de famílias miseráveis, povos doentes e em guerra, mulheres vestidas com roupas muito coloridas, ou às paisagens de safáris africanos, muito presentes nos filmes!

Para que seus conhecimentos sobre a África e os africanos não continuem **capengas**, apresentamos alguns trechos, mesmo que resumidamente, desta África **encafuada**, cuja real história do seu povo, que é considerado o berço da humanidade, insiste em silenciar!

## África: berço da humanidade e do conhecimento

**F**lorestas tropicais, amplos litorais, o deserto do Saara e muitos outros ecossistemas fazem parte do cenário das primeiras ocupações humanas de nosso planeta (Tumbuctu, Gao e Djene). Por isso, dizemos que a África é a pátria do homem, o berço da humanidade, pois foi de lá que, há milhões de anos, apareceram nossos primeiros ancestrais, que partiram para povoar a Europa e a Ásia.

O continente africano também é o lugar de antigas civilizações, como a do Egito, que desde 4000 a.C testemunha conquistas nas Ciências e nas Artes (arquitetura, pintura, música, dança, literatura, escultura e gastronomia).

É importante saber que o continente africano era dividido em reinos antes da chegada dos europeus. Abaixo apresentamos alguns dos principais impérios, reinos e estados de onde foram arrancados os negros que chegaram ao nosso país para servir de mão-de-obra escrava, pois detinham um alto conhecimento tecnológico.

### O Império de Gana

Nesse império, conhecido como “O Império do Ouro” entre os séculos 4 e 11, os monarcas se reuniam todos os dias com os súditos para conversar, ouvir reclamações e tomar decisões. O povo de Gana tinha o domínio das técnicas de mineração e usava instrumentos sofisticados, que foram muito importantes para o ciclo do ouro no Brasil. O clima úmido facilitou o desenvolvimento da agricultura e da pecuária na região.

### O Império de Mali (Reinos do Vale do Níger)

O império de Mali expandiu-se por volta do século 12. As cidades de Tumbuctu (atual Mali), Gao e Djene constituam importantes centros universitários e culturais. O povo Dogon, que habitava a região, registrou em monumentos as luas de Júpiter, os anéis de Saturno e a estrutura espiral da Via-Láctea, observações estas feitas na Europa apenas a partir do século 17.

Estudos da década de 70 do século passado permitem dizer que há registros da existência de uma grande cidade, três séculos antes da era cristã, cuja população trabalhava com o ferro e dedicava-se ao comércio. Vale lembrar que, naquela época, nem em Portugal, nem na Alemanha ou na França, existia lugar que merecesse ser chamado de cidade.

Infelizmente, a falta de registros escritos, a perda de memória oral, por conta de guerras e das migrações, não nos permitiu conhecer mais intensamente a história da antiga cidade de Djene.

### **Império de Songai**

Songai se sobrepôs ao Império de Mali nos séculos 14 e 15. O povo de Songai dominava técnicas de plantio e de irrigação, que foram trazidas pelos negros escravizados ao Brasil, onde foram aperfeiçoadas. Esses conhecimentos facilitaram a expansão da agricultura, especialmente no ciclo da cana-de-açúcar e do café.

### **Reino do Ilê-Ifé**

O Reino do Ilê-Ifé existiu na atual Nigéria. Sua história é pouco conhecida, pois informações relativas a ele foram coletadas por missionários que no século XIX tentaram converter os nativos ao cristianismo. Seu período de apogeu vai do século 12 ao 16 e seus reis-sacerdotes difundiram o culto dos orixás, espalhados hoje por uma vasta região que inclui, além da Nigéria, o Benim e Gana. O culto dos orixás chegou até o nosso país através do tráfico de escravos. Estudos arqueológicos na região localizaram esculturas em terracota e em bronze.

### **Civilização Iorubá**

Desenvolveu-se a partir do século 11. Eram exímios oleiros, tecelões e dominavam ofícios de serralheria e metalurgia do bronze, utilizando a técnica da cera perdida (molde de argila que recebia o metal incandescente). Naquela época a capital, Oyo Benin, se dividia em espaços de acordo com as especialidades (curtume, fundição e olarias).

### **Reino do Congo**

Eram divididos em aldeias familiares, distritos e províncias e todos os governadores eram conselheiros do rei. Os habitantes eram especialistas em fundição de ferro e de cobre para confecção de ferramentas no século 16. Na nossa lavoura, foram os pioneiros a introduzir a enxada, uma espécie de arado e diversos tipos de machados, que serviam tanto para cortar madeira como para uso em guerras. As terras do reino do Congo correspondem hoje aos países do Congo, da República Democrática do Congo e da Angola.

### **Vale da Grande Fenda**

Local onde as linhagens do macaco e do homem se separaram. Há dois milhões de anos, fósseis mais antigos de nossos ancestrais foram encontrados no Vale da Grande Fenda, formação que atravessa a Etiópia, o Quênia e a Tanzânia. O Homo erectus partiu para a Europa e a Ásia, mas os que continuaram nessa região evoluíram para sapiens, que posteriormente povoaram o mundo.

## Linha do Tempo:

### **Abaixo, alguns legados dos povos africanos para a humanidade.**

#### **Cerca de 20.000 a.C.**

O bastão de Ishango é considerado o objeto matemático mais antigo da humanidade. Foi descoberto em 1950, pelo geólogo belga Jean de Heinzelin, durante escavações no Congo. Sua datação confirma que os africanos já faziam cálculos matemáticos há 15 mil anos antes dos egípcios e 18 mil anos antes do surgimento da matemática grega.

#### **3000 a.C.**

Imhotep foi um misto de arquiteto (projetou a primeira pirâmide do Egito) e médico, considerado pelos egípcios um deus da medicina. Viveu 25 séculos antes de Hipócrates e já aplicava no Egito conhecimentos de fisiologia, anatomia e drogas para curar as pessoas. Por ser muito importante, sua tumba era local de peregrinação religiosa.

#### **2000 a 1500 a.C.**

A sociedade de Haya (povo de fala Banto, da região da atual Tanzânia) produzia aço em fornos a 400 graus Celsius — temperatura superior a dos fornos europeus do século 19. O objeto de ferro mais antigo é uma faca datada de 900 a.C., feita no Egito.

#### **1650 a.C.**

O papiro de Rhind contém uma série de tabelas, além de 84 problemas matemáticos e suas soluções. Sua existência indica que os egípcios sabiam o valor da constante geométrica pi ( $\pi$ ), muito antes de Arquimedes (250 a.C.), e as propriedades do triângulo retângulo antes de Pitágoras (séc. 6 a.C.)

#### **Século 12**

Ocorrência de muros de pedra de 10 metros de altura, encontrados na região do Zimbábue. As ruínas revelam saberes avançado dos povos subsaarianos em construção civil.

## Como e por que os negros foram escravizados e trazidos para o Brasil?

Quando os colonizadores desembarcaram na costa da África, ainda no Século 15, os estados africanos já eram bastante organizados. A monarquia era formada por conselho popular composto por representantes de diferentes camadas sociais.

Apesar do nível de aperfeiçoamento, os africanos foram dominados pelos europeus, porque naquele momento a tecnologia de guerra, como o uso da pólvora, por exemplo, não era por eles conhecida. A hospitalidade com que os africanos recebiam as pessoas foi um dos fatores que facilitou a invasão dos estrangeiros. Algumas famílias tinham, inclusive, quartos em suas casas para receber os viajantes e, muitas vezes, davam abrigo ao inimigo.

Outro importante aspecto da diáspora africana – seqüestro ou retirada forçada dos africanos de suas terras - aconteceu quando portugueses percebem que os reis de algumas tribos africanas tinham escravos que, em geral, eram inimigos de tribos rivais aprisionados. Percebendo a possibilidade de obter mão-de-obra barata e qualificada para Portugal, negociaram ferramentas e armas aos reis e chefes tribais em troca de escravos.

Mas nenhum processo de escravidão foi tão cruel, quanto dos africanos, é importante lembrar que havia escravidão interna em África, assim como em todo o mundo, pelo sistema da época. Os hebreus foram escravizados pelos egípcios, mas não deixaram de ser hebreus, os espartanos escravizados pelos romanos, mas não deixaram de ser espartanos. Neste caso, os africanos deixaram de ser gente e passaram a ser coisas, sem alma, incivilizados.

O início dessa terrível história começa em portos africanos, onde os negros eram comercializados como qualquer mercadoria. Nas viagens para o “Novo Mundo”, que duravam algumas semanas, aconteceu alguns dos piores momentos vividos pela humanidade ao longo de toda a sua existência.

Os colonizadores portugueses começaram a trazer negros da África para trabalhar na lavoura e em outras ocupações próprias ao sistema de colonização brasileiro, ainda no século XVI. As embarcações que serviam para o transporte dos africanos capturados ao Brasil eram os chamados navios-negreiros. Conheça, a seguir, as condições dessa “viagem”!

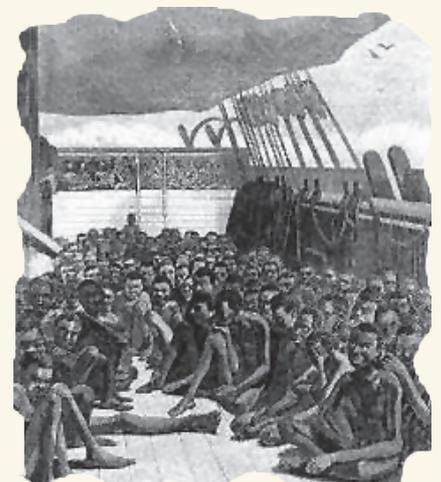
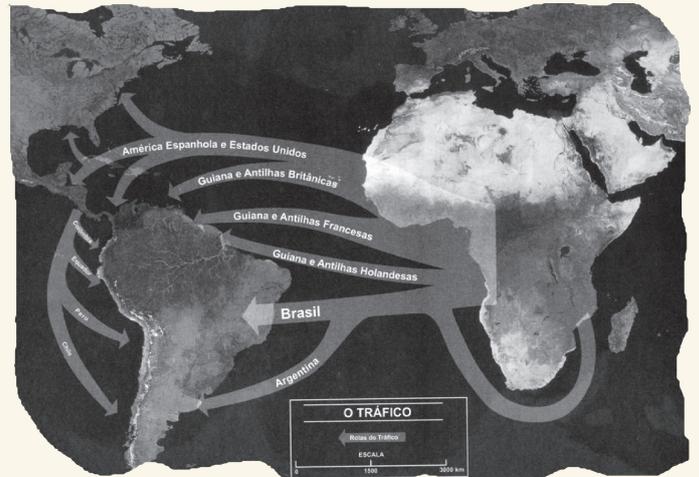
### Detalhes da “viagem”

Para evitar rebeliões em alto-mar, os negros escravos eram propositalmente separados de seus familiares e dos membros de suas tribos, o que dificultava a comunicação, pois eles falavam línguas e dialetos diferentes.

Nos porões dos navios, as pessoas eram embarcadas como carga animal. Durante semanas, elas permaneciam acorrentadas em espaços tão apertados que, muitas vezes, precisam se revezar entre ficar sentados ou em pé. As correntes marcavam seus braços e pernas, causando-lhes graves ferimentos, sem falar da falta de ventilação nos porões dos navios, o que provocava a ocorrência de muitas mortes. Exatamente sabendo dessas “baixas” ao longo da viagem, os navios já embarcavam com uma quantidade muito maior de cativos, para repor as “perdas” causadas pelas mortes e tornar a viagem o mais lucrativa possível.

Quando as “perdas” ocorriam, eram jogados ao mar, mas a retirada dos cadáveres dos porões podia demorar até dois dias, o

Rota da escravidão



que causava mau cheiro e contaminação dos demais.

As condições de higiene eram as piores possíveis, pois não existiam banheiros ou qualquer tipo de instalação sanitária. As necessidades fisiológicas eram feitas no mesmo local onde permaneciam acorrentados e, além do fedor terrível, as possibilidades de enfermidades pelo contato com as fezes, ou mesmo com ratos e baratas, eram muito comuns de acontecerem.

Uma ou duas vezes ao dia, os alimentos (sobras de alimentos dos marinheiros) eram “jogados” nos porões, e não havia a menor preocupação quanto a quem iria se alimentar, se alguém não conseguiu comer, se eles repartiam o alimento entre todos, sem falar que muitos destes alimentos estavam apodrecidos.

A “carga” era composta de adultos (homens e mulheres entre 17 e 25 anos), esses com preços mais elevados devido à saúde e à disposição para o trabalho na lavoura, além de crianças, adolescentes e idosos, de ambos os sexos.

Aqueles que conseguiam fazer a travessia chegavam aqui geralmente muito doentes. Poucos conseguiam completar a viagem em boas condições. Mas, infelizmente, o que os esperava nesse novo lugar, no entanto, não era muito melhor...

Cada fase da História do Brasil tem diferentes portos importantes de embarque de escravos, e cada porto recebia escravos vindos de uma região diferente, que se estendia de centenas de quilômetros pelo litoral para o interior da África. Por este motivo, a origem étnica dos africanos recebidos no Brasil é muito diversificada e foi alterada ao longo dos séculos de tráfico negroiro.

### **As etnias que aqui chegaram...**

Os africanos eram provenientes de diferentes regiões do continente africano, com diversas línguas e culturas.

Os nagôs: Vindos da Nigéria, Benim e do Togo, de língua iorubá;

Os fons ou minas: Provenientes do antigo Daomé, atual Benim, de língua jeje; e

Os bantos: Nome genérico para os povos da África Austral vindos de vários países, como Angola, Congo, Zimbábue e Moçambique, de língua banta.

### **O que vinham fazer no Brasil?**

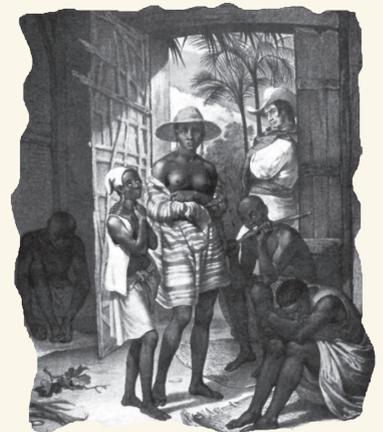
A diáspora africana durou cerca de 300 anos, o que provocou um grande problema demográfico naquele continente. Eles eram trocados geralmente por aguardente, tecidos e utensílios de metal.

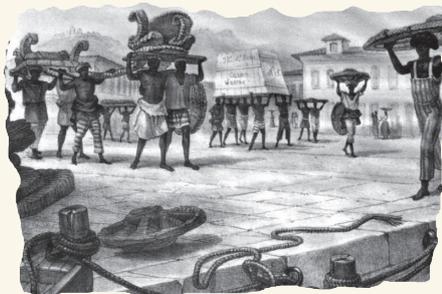
Nos primeiros séculos da colonização brasileira, a maioria dos africanos escravizados era destinada, principalmente, para o trabalho nos engenhos, que incluía desde a plantação da cana até a fabricação do açúcar. Eles também eram utilizados em atividades de apoio, como a produção de alimento, a criação de gados, transportes de mercadorias para os portos, nas olarias e nas construções de casas, fortalezas e igrejas.

Ao chegarem aqui, desenvolviam as mais variadas atividades produtivas. Os mais inteligentes e habilidosos eram selecionados para trabalharem como caldeireiros, calafates, barqueiros, marinheiros.

Os conhecidos como escravos urbanos, provenientes de cidades bastante avançadas, como do Benin, por exemplo, que se ocupavam de serviços domésticos e comércio ambulante. Na zona rural serviam de cocheiros, de pajens, carregadores de cadeirinha, de cavaliças, capatazes, negociantes, vendedores ambulantes, artesãos e como soldados.

Muitos africanos, conhecidos como “escravos de ganho”, eram alugados por seus senhores para trabalhar na construção civil, como carregadores de cargas nos portos. Eles exerciam ainda várias outras profissões como barbeiros, sangradores, torneiros, ferreiros, entre outras atividades, o que geralmente era um bom negócio para os seus donos.





Grande parte dos escravizados, principalmente os que trabalhavam nas fazendas de açúcar e nas minas de ouro, eram tratados da pior forma possível. Eles labutavam o dia inteiro, vestiam trapos e sua alimentação era de péssima qualidade. Dormiam em senzalas (espécie de galpões escuros, úmidos e com péssima higiene) e geralmente acorrentados para evitar fugas. Quando faziam algo que contrariasse seus senhores, eram punidos severamente, sendo o açoite a punição mais comum no Brasil!

Vale ressaltar a importância do papel da mulher africana, nas artes do fazer, especialmente nas atividades domésticas. Existiam as costureiras, engomadeiras, lavadeiras, doceiras, cozinheiras, rendeiras,

amas de leite, quitandeiras, entre outras atividades fundamentais para a vida na colônia. Mas sofreram muito também, especialmente quando lhes eram retirados os filhos de seu convívio, para cuidar dos filhos de seus senhores.

Na época do Ciclo do Ouro, alguns escravos, que trabalhavam nas minas, conseguiam comprar sua alforria, juntando algum dinheiro para se tornarem livres. No entanto, as poucas oportunidades e o preconceito os faziam voltar ao estado de miséria.

Houve ainda outros casos de alforria, que ocorriam pelos mais variados motivos, desde a vontade do senhor, em virtude da obediência e lealdade do escravo, até casos em que o cativo conseguia comprar a sua liberdade.

Alguns negros escravizados de maior confiança de seus senhores eram utilizados para tarefas em ambiente doméstico e dormiam em instalações próprias.

A forma humilhante com que a maioria era tratada levava os escravos a se rebelar. Muitas vezes eles organizavam fugas e procuravam formar comunidades independentes do poder de seus senhores. Conhecidas como quilombos, esses espaços foram muito comuns na maioria dos estados brasileiros.

O negro entra na sociedade como cultura dominada e as marcas da escravidão persistem, tanto no preconceito racial quanto na situação miserável de tantos afro-brasileiros de nossa sociedade.

Apesar de todos os sofrimentos a que foram submetidos, por mais de 300 anos, é importante reconhecer que, historicamente, foram eles os grandes responsáveis pelo desenvolvimento econômico do Brasil, pois se constituíram na mão-de-obra qualificada para produzir a riqueza do nosso país. Dentre as várias atividades produtivas em que atuaram, destacam-se a mineração do ouro e a agricultura, em especial o plantio de cana-de-açúcar e de café.

Mas, é por meio dos movimentos sociais de afirmação da identidade negra e de ações governamentais que se tenta, gradativamente, dar fim a esse processo de exclusão que insiste em permanecer, depois de tanto tempo. Não se pode pensar em Brasil sem considerar toda esta história!

### **Africanos entre nós, amazônidas!**

Os africanos fazem parte da população brasileira desde a época colonial. No Pará, eles chegaram ainda no século XVI, só que de forma irregular, por meio de encomendas que os fazendeiros e comerciantes locais faziam aos navios negreiros, que chegavam pelo porto de São Luis, no Maranhão.

Legalmente foi apenas em meados do século XVIII, com a criação da Companhia Geral de Comércio do Grão Pará e Maranhão pelos portugueses, que se iniciou a importação de africanos escravizados para a Amazônia.

Naquela época, eram os indígenas quem faziam os trabalhos e, com a chegada dos africanos escravizados, foi feita uma divisão nas tarefas: os índios realizavam a coleta de frutos dentro da floresta e o transporte pelos rios da região, e aos africanos cabia a lida nas lavouras de cana-de-açúcar e tabaco, principalmente.

Em menos de 30 anos (1755 a 1778) aportaram em Belém aproximadamente 15 mil africanos. Tal fato deixa marcas profundas na história e na cultura da nossa região. A presença negra na Amazônia não difere do restante do Brasil. Aqui, os colonizadores trataram de criar leis muito severas e os negros escravizados eram vítimas de preconceito e discriminação, presentes ainda hoje em nossa sociedade!

### **De onde vieram?**

Os negros escravizados que vieram para a Amazônia eram originários principalmente de Angola, Cabinda, Moçambique, Mauá, de cultura Banto; Costa da Guiné, Mina, Fanti-Achanti, Mali, Fulupe, de cultura sudanesa.

Hoje essas regiões correspondem aos países da África Ocidental: Guiné Bissau, Costa do Marfim, Guiné, Mali, Mauritânia, Nigéria, Senegal, Benim, Cabo Verde; e outros da África Central: República Popular do Congo, São Tomé e Príncipe, Guiné Equatorial; e ainda alguns de parte da África Austral, como Angola, Moçambique, Namíbia, África do Sul, Zimbábue, Inla ou Peuls.

## Detalhes da História dos africanos escravizados na Amazônia

Vários fatores motivaram o envio dos africanos, na qualidade de escravos, para a Amazônia. Aqui eles também foram tratados como mercadorias ou animais, principalmente nas relações sociais e de trabalho, como revelam notícias e anúncios publicados em folhetos paraenses, jornais daquela época, como a seguir:

*“Quem tiver e quiser alugar ou vender, algum preto, que seja robusto para o serviço, fiel e inteligente, e não seja bêbado, ladrão nem fujão; dirija-se á casa do tenente-coronel Anselmo Joaquim da Silva, na Rua da Paixão, canto da Travessa de S. Mateus, ou anuncie por esta folha para ser procurado, e tratar-se do ajuste caso agrade ao comprador.” – Jornal Treze de Maio” Belém, 1847, p.12*



Como vimos acima, o que ocorreu aqui não foi diferente dos outros estados brasileiros: o africano escravizado era propriedade de seu senhor, não possuía qualquer direito. Seu dono era responsável por garantir os elementos básicos à sua sobrevivência, como alimentação e vestimentas. Em troca, o cativo estava à disposição de seu dono, que o super-explorava. Era vigiado pelos capitães-do-mato, que quando os capturavam lhes aplicavam diversos tipos de castigos. Enfim, desempenhavam o seu trabalho nas mais desumanas das condições!

Em algumas localidades da Amazônia, os afro-brasileiros escravizados chegaram a representar metade da população, como é o caso dos habitantes da

Freguesia da Sé, em Belém, que em 1787 contabilizavam mais de 50% dos residentes da raça negra.

Cerca de 20 anos mais tarde houve uma diminuição acentuada na quantidade de habitantes afro-brasileiros. Eles passaram a representar apenas um terço da população paraense e essa queda é justificada, por alguns autores, devido à fuga de muitos deles para os mocambos (quilombos) existentes no Pará ou por terem sido mortos durante a repressão aos cabanos.

Como no restante do país, os negros escravizados e seus descendentes também reagiram contra a sua escravidão aqui na Amazônia. Muitos fugiram das senzalas e organizaram-se em comunidades, que conhecemos como quilombos e mocambos, espécie de refúgios, no meio da floresta. Esses abrigos asseguravam a sobrevivência dos escravos, pois constituíam-se em comunidades localizadas em pequenos vilarejos que praticavam atividades agrícolas.

A existência de quilombos atraía novas fugas e as autoridades locais e donos de escravos saíam à caça dos escravos fugitivos na tentativa de recuperá-los e para destruir esses abrigos. Muitos eram capturados, mas os que conseguiam fugir, organizavam novos quilombos em lugares mais afastados.

A existência de inúmeras comunidades negras em áreas do território paraense, ainda hoje, são testemunhos da ocorrência de quilombos (mocambos) como manifestação de resistência à escravidão. São segmentos da população paraense marcados pela resistência, organização, vivência comunitária e conservação de suas tradições. (Ver mapa de comunidades remanescentes de quilombos paraenses no mapa do kit).

Somente após a abolição da escravidão, em 1888, os negros deixaram de ser tratados, juridicamente, como “coisas”, e passaram a fazer efetivamente parte da população. Muitos não conseguiram se tornar cidadãos, pois ainda há muito preconceito, discriminação e segregação contra eles.



## Conhecendo os diferentes Cultos Afro-Religiosos



A religião configura-se em um outro aspecto da resistência do negro escravizado, ao regime de escravidão. Assim, o que são as religiões afro-brasileiras? Como surgiram? Os africanos que aqui chegaram vinham de diferentes regiões e suas práticas religiosas, em alguns casos, tinham semelhanças e, em outros, eram bem diferentes.

Ao chegarem ao Brasil, alguns foram forçados a praticarem outros ritos e se desligaram completamente de suas antigas tradições religiosas, se convertendo ao Cristianismo. Porém, boa parte dos africanos e seus descendentes buscaram recriar as suas religiões de origem, formando grupos organizados para a prática de seus cultos religiosos.

Apesar da crueldade com que sua fé e crenças foram tratadas, os negros precisavam expressá-las de alguma forma. Para os africanos escravizados, a saída era rezar para um santo e acender uma vela para um orixá. Foi assim que os deuses africanos pegaram carona com os santos católicos e passaram a ser associados a eles.

É aí que surgem as religiões afro-brasileiras que, na verdade, nada mais são que “novas religiões”, diferentes das praticadas na África, pois aqui foram misturadas tradições de diversas culturas africanas, além das influências recebidas do Catolicismo.

A força do Axé cresceu na forma de terreiros de candomblé. Era coisa de preto e, portanto, de seres inferiores, ignorantes, vista como “coisa ruim”, do mal, diabólica e, por isso, muito perseguida e seus praticantes bastante discriminados!

Parte dos senhores e autoridades católicas trabalhavam na conversão dos escravizados à religião católica. E, para ser aceito, o negro passa a agir como o branco, colocando a imagem do santo católico que mais se aproxima das características de seu orixá (deuses). São comuns, nas festas populares baseadas no calendário religioso, manifestações de sincretismo afro-cristão, que fundem os orixás do candomblé com os santos católicos. Aí se dá a “junção” dos orixás (deuses) com os santos da Igreja Católica. Mas esse “ajuste” não ocorreu de forma padronizada, pois alguns santos são sincretizados num mesmo orixá.

Vale lembrar que as datas e relações santo-orixá não são iguais em todas as regiões do Brasil. Veja, a seguir, alguns dos orixás e santos festejados!

Na religião católica, Exu (orixá mensageiro entre os homens e os deuses) é representado por Santo Antônio (festa dia 13 de junho) e São Benedito (dia 5 de outubro); Obaluaê (deus da peste) por São Lázaro (dia 17 de dezembro) e São Roque (dia 16 de agosto); Nanã (deusa da lama e do fundo dos rios) por Sant’Ana (dia 26 de julho); Xangô (deus do fogo e do trovão) por São Jerônimo (dia 30 de setembro), São José (dia 19 de março), São João (dia 24 de junho) e São Pedro (dia 29 de junho); Iansã (deusa dos ventos e das tempestades) por Santa Bárbara (dia 4 de dezembro); Ogum (deus da guerra) por São Jorge (dia 23 de abril) ou São Sebastião (dia 20 de janeiro); Oxóssi (deus da caça) por São Sebastião (dia 20 de janeiro) ou São Jorge (dia 23 de abril); Oxumaré (deus da chuva e do arco-íris) por São Bartolomeu (dia 24 de agosto); Oxalá (O deus da criação) pelo Senhor do Bonfim (2o domingo depois do Dia de Reis); Iemanjá (deusa dos mares e oceanos) por N. Sra. das Candeias (dia 2 de fevereiro); Oxum (deusa das águas doces, do ouro e do amor) por N. Sra. da Conceição (dia 8 de dezembro); Ibeji (orixás da infância) pelos santos Cosme e Damião (dia 27 de setembro). Cada orixá tem o seu símbolo, o seu dia da semana, suas vestimentas e cores próprias.

Devido à proibição da prática de suas religiões, alguns africanos escravizados freqüentavam as igrejas católicas, filiando-se às irmandades católicas negras. Cultuavam N. Sra. do Rosário, também chamada de N. Sra. dos Homens Pretos, pois já a conheciam da África, onde a devoção foi levada por missionários dominicanos que impuseram seu culto aos negros. Mais tarde, essa devoção foi associada a São Benedito. As irmandades religiosas dedicadas aos dois santos são ligadas aos grupos de dançadores de Congada e Moçambique.

Os cultos religiosos de maior penetração no Brasil são o Candomblé, a Umbanda e a Quimbanda. Muitas vezes, por desconhecimento, essas religiões são tratadas como se fossem a mesma coisa, mas cada uma tem suas particularidades, como veremos a seguir.

## CANDOMBLÉ



Religião que mais conservou as fontes africanas, o candomblé data dos séculos XVI ao XIX e tem suas origens no Banto, Nagô e Iorubá. Também conhecido como Xangô ou Tambor de Mina no Nordeste, seu culto sofreu grande repressão por parte dos colonizadores.

O candomblé propriamente dito é uma dança religiosa, através da qual os iniciados reverenciam ou rezam para seus orixás, deuses das nações africanas de língua Iorubá, dotados de sentimentos humanos, como ciúme e vaidade. A dança é, portanto, uma invocação. A síntese do processo busca o equilíbrio energético entre os homens e a energia dos seres que habitam ORUM (o céu e o interior da terra).

Cada orixá tem sua personalidade e está diretamente relacionado a um elemento da natureza. Para cada orixá existe um canto, uma dança, um modo de oferenda, uma

forma de incorporação, uma saudação.

Na cerimônia há o sacrifício de animais (galo, bode, pomba) ao som de danças e cânticos. A percussão dos atabaques é a base da música. Para o “despacho” inclui farofa, azeite de dendê, cachaça e outras oferendas.

A autoridade maior, o mestre, guia do terreiro, é chamado de Babalorixá, pai de santo, baba ou babalaô. Já os “Filhos de Santo” possuem suas funções específicas dentro do terreiro (os que cuidam dos guias, os que tocam os atabaques e os que preparam as comidas a serem oferecidas).

## UMBANDA - 100 anos de existência em 2009

Doutrina espiritualista tipicamente brasileira, fundamentada em três pilares: amor, caridade e humildade. Resultante da fusão espiritual das manifestações africana, européia e indígena, a umbanda tem nuances católicas e espíritas e incorpora desde deuses africanos a caboclos, pretos velhos, espíritos das águas e outras entidades desencarnadas.

Admite um Deus único (OLORUM), que é o criador de tudo e de todos. O chefe da casa é o “Pai de Santo” e seus adeptos, também conhecidos como “Filhos de fé”, fazem reverências às entidades superiores, os ORIXÁS, sendo o principal Jesus (OXALÁ).

A palavra umbanda pode ser traduzida como “Deus ao nosso lado” ou “Ao lado de Deus”.

Seus “atendimentos” são totalmente gratuitos e não é permitido o sacrifício de animais como no candomblé. Não cobrar, não matar, usar a cor branca, evangelizar e utilizar as forças da natureza são costumes da umbanda.

Nas cerimônias, é feita a defumação entre os presentes, seguida de cânticos sagrados para formar a corrente e “baixar o santo”. Muitos orixás são invocados: Ogum, Oxossi, Yemanjá, além dos caboclos, pretos velhos, ciganos.



## OUTROS CULTOS

Abrir espaço para o conhecimento de outras tradições religiosas afro-brasileira. Existem no entanto, inúmeras religiões de origem africana no Brasil além do Candomblé e da Umbanda, como o Tambor de Mina, Xangô, Xambá, Batuque, Toré, Jarê e outras. E acredita-se que é necessário abrir espaço para o conhecimento destas outras tradições religiosas, pois precisam ser respeitadas em suas especificidades.

Apesar das perseguições pelas quais passaram as religiões afro-brasileiras e da discriminação, ainda hoje muito presente em nossa sociedade, aos praticantes de cultos religiosos afro-brasileiros, acreditamos que é possível tomarmos como ensinamento o princípio da Umbanda que prega a existência pacífica e o respeito ao ser humano, à natureza e a Deus, respeitando todas as manifestações de fé, independente da religião ou da sua origem.



## “Repassando a história a limpo”

Leis em favor dos afro-descendentes!

*Quando se fala de leis abolicionistas vem logo na cabeça de muitos brasileiros a Lei Áurea!*

Na verdade, o processo de abolição da escravidão no Brasil foi um dos últimos do mundo. O ato que ficou mais conhecido, a criação da Lei Áurea, não foi um marco de glorificação para os negros. Apesar da proibição da escravidão no país, ela não extinguiu os preconceitos enraizados na nossa sociedade há séculos. Prova disso foi a dificuldade que o negro teve após a assinatura da lei para sobreviver, percebida ainda nos dias de hoje.

Entretanto, apesar de o Brasil ter abolido a escravidão do país, não promoveu a cidadania dos ex-escravizados. As perdas causadas pela escravidão (religião, território, laços familiares) não foram reparadas pelo governo brasileiro, ou seja, estavam livres, mas não tinha direito a salários, moradias, educação saúde etc.

Além da liberdade, os afro-descendentes precisam de resoluções que lhes permitam viver dignamente nesta terra que também é sua, sem discriminação, e com as pessoas reconhecendo sua importância histórica na construção da sociedade brasileira!

Muitas outras leis foram criadas ao longo da história, em favor da liberdade dos negros escravizados. Conheça a seguir:

**Lei Eusébio de Queiroz:** - Foi criada em 1850, quando o Ministro da Justiça, Eusébio de Queirós, apresentou a lei que levou seu nome, regulamentando a extinção do Tráfico Negreiro, e considerava os navios negreiros como embarcações piratas. Era o primeiro passo rumo à liberdade!

**Lei do Ventre Livre:** - No ano de 1871, foi apresentada pelo Visconde de Rio Branco e dizia que eram considerados livres os filhos de mãe escrava que nascessem a partir daquela data. A Lei foi um avanço para a época mas, na prática, teve pouco efeito, pois as crianças continuavam sob a tutela dos senhores até completarem 21 anos, embora não pudessem mais ser vendidos nos mercados de escravos.

**Lei dos Sexagenários:** - Promulgada em 1885, tornava livres os escravos com mais de 60 anos e obrigava o Estado a pagar uma indenização aos senhores pela alforria desses escravos. Em sua maioria, os escravos idosos deixaram a senzala para serem mendigos nas cidades, passando a usar cortiços urbanos.

**Lei Áurea:** - Foi só em 13 de maio de 1888 que a liberdade chegou oficialmente a todos os negros no Brasil. Assinada pela Princesa Isabel, a Lei Áurea considerou ilegal a prática de escravizar pessoas no país. No entanto, não assegurou ao negro liberto qualquer tipo de assistência social ou econômica. Analfabetos em sua maioria e sem recursos, os negros se tornaram cidadãos de segunda classe.

### Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

Trechos que dizem respeito aos direitos de todos os brasileiros.

**Art. 3** São objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil entre outros:

**IV** – Promover o bem estar de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

**Art 5** – Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade ao direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

**I** – Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações.

**VI** – É inviolável a liberdade de consciência e crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.

**XLI** – A lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais.

**XLII** – A prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão, nos termos da lei.

## **Direitos dos afro-brasileiros na Constituição**

**Art. 216** – Constituem patrimônio cultural dos brasileiros os bens de natureza material e imaterial, tombados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

**I** – As formas de expressão;

**II** – os modos de criar, fazer – os modos de criar, fazer e viver;

**III** – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

**IV** – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

**V** – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

(...)

**§ 5º** - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

Ato de disposições Constitucionais Transitórias

**Art. 68** – Aos remanescentes das comunidades dos quilombos, que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os títulos respectivos.

## **Título II**

### **Capítulo I - Dos direitos e garantias fundamentais**

**Art. 5º** Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

### **Capítulo II – Dos direitos sociais**

**Art 6º** - São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição.

Enfim, os direitos fundamentais de toda pessoa estão na Constituição Federal, mas como nem sempre a Constituição explica como cumprir todas as leis, existem outros livros onde são explicadas como essas leis podem ser aplicadas, obedecendo ao que diz a Carta Magna. Estão organizadas em livros denominados Códigos (Civil, Penal, Comercial, etc.), além de outras leis que tratam dos artigos da Constituição, como é o caso da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

É importante, no entanto, saber como fazer para que sejam cumpridos e garantidos os direitos escritos na Constituição e nos outros livros, para que a cidadania seja exercida por todos, igualmente!

### **Lei 10.6039 – Inserção da temática “História e Cultura afro-brasileira”**

Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

O Presidente da República faz saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º** - A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos:

**“Art. 26-A.** Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

**§ 1º** O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

**§ 2º** Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.”

**“Art. 79 B.** O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’.”

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da independência e 115º da República.

Luiz Inácio Lula da Silva

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Atos do Poder Legislativo

## Comentando a Lei



Vários grupos ligados aos movimentos negros e representantes da comunidade acadêmica vêm, de muito tempo, reivindicando essa inclusão. Ela é, na verdade, resultado de um processo no qual diferentes agentes sociais atuaram para que se tornasse realidade por acreditarem na importância da medida. É a partir dessa lei, que institui o dia 20 de novembro como o **“Dia Nacional da Consciência Negra”**, que essa data é incorporada no calendário escolar como um dia merecedor de ser lembrado, comemorado e desenvolvido em todas as instituições de ensino da Educação Básica. O dia foi escolhido em homenagem ao dia da morte de Zumbi dos Palmares (assassinado em 20 de novembro de 1695), símbolo maior da luta e da resistência negra em nosso país!

Mas é claro que a lei não basta. Nenhuma medida legal é suficiente, se não nos debruçarmos sobre ela para refletir e se não nos engajarmos na sua execução. Segue abaixo a fala de estudioso sobre o assunto, que faz referência à importância do cumprimento dessa lei, nos diversos níveis de ensino:

“A ausência da história africana (nos sistemas educacionais brasileiros) retira a oportunidade de afro-descendentes construir uma identidade positiva sobre as origens do povo brasileiro, abre espaços para hipóteses preconceituosas, desinformadas ou racistas sobre as nossas origens, coloca a apresentação dos continentes e das diversas culturas em nível mundial em desigualdade de informação e (prejudica) o entendimento da história brasileira e da formação do povo brasileiro” – Henrique Cunha Júnior, membro do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro da USP.

Quantos sabem da existência dessa lei? O que está faltando para que, no cotidiano escolar, sejam trabalhados esses conteúdos, fundamentais para a compreensão de todos, negros ou não?

### **“No Brasil não há racismo?!”**

#### Diálogos sobre preconceito racial

Desde muito cedo fomos acostumados e nos acostumamos com a ideia de que no Brasil “não há racismo”, “não há preconceito de cor”, e que vivemos numa harmonia de raças – “democracia racial” - que oferece oportunidades iguais a negros e brancos.

Mas, quando alguém no Brasil fala em preconceito racial, qual a imagem imediata que vem logo à mente? Acertou: é a do negro, do afro-descendente. Mas, por que isso acontece? Por que o negro é a vítima maior do racismo praticado no Brasil? Existe uma relação direta entre a escravidão imposta ao negro durante a colonização e o racismo sofrido por ele nos dias atuais? É claro que sim. É importante lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar, pejorativamente, os africanos escravizados e o sentido negativo da palavra perdura até hoje, pois está muito enraizado na nossa sociedade que, ao longo da história, nos “ensinou” apenas o que a classe dominante queria, ou seja, o branco.

### **Afinal, como surge o racismo?**

O preconceito racial é sempre adquirido através da aprendizagem. Geralmente, uma pessoa é levada, desde criança, a ter ideias e atitudes racistas, por viver numa sociedade em que predominam estes valores, como é o caso da nossa.

O racismo é uma ideia que defende que algumas pessoas são superiores as outras, isto é, acreditam que existem raças e que os negros pertencem a uma raça inferior! Ele impede que a pessoa exerça seus direitos de forma ampla, pois a exclui das possibilidades de crescimento na vida. É importante lembrar que racismo é crime inafiançável e a pessoa que comete crime de racismo pode ir pra cadeia (sem direito a pagar a fiança). E mais, trata-se de um crime imprescritível, ou seja, a pessoa pode ser acusada mesmo depois de muito tempo.

Quando ele pode acontecer? Quando alguém é impedido de trabalhar ou de entrar em certos lugares, quando é maltratada por causa da cor de sua pele ou, até mesmo, quando falamos “brincando” “só podia ser preto!”, e outros que acontecem e muitas vezes não percebemos.

## Mas, será que EU sou racista?

Muitos são os exemplos de racismo que percebemos no cotidiano. As pessoas que têm características africanas sofrem desde muito pequenas com esse preconceito, pois vários gestos e atitudes podem ser considerados como discriminação racial: um sorriso irônico, um comentário, ou até mesmo um olhar.

Basta ficarmos mais atentos ao que acontece ao nosso redor e logo vamos nos deparar com uma série de “detalhes de racismo” disfarçados, mesmo que, muitas vezes, saiam “sem querer”! Veja, a seguir, alguns exemplos!

- Substituir a palavra “negro” ou “negra” evidencia os preconceitos construídos sobre a raça, pois evitar usá-la naturalmente demonstra a dificuldade em lidar com a palavra **NEGRA/NEGRO** que, preconceituosamente, associa-se a tudo que é negativo!
- Muitas vezes, querendo agradar, dizemos que é negro “mas é bonito” ou que apesar do cabelo ruim é “inteligente”.
- Um exemplo clássico de racismo é a célebre frase “preto de alma branca”. O compositor Jorge Aragão fez uma música em alusão a esse preconceito: “Se preto de alma branca pra você é um exemplo da dignidade, não nos ajuda, só nos faz doer, nem resgata a nossa identidade, elevador é quase um templo, exemplo pra ninar seu sono, sai desse compromisso, não vai no de “serviço” que o “social” tem dono, não vai!!
- Não podemos negar a ascendência do negro no mulato, dizendo que ele não é “totalmente” negro, que é de raça apurada, ou usar as expressões “limpar o sangue” e “melhorar a raça”, ao se referir à miscigenação.
- Pior é quando falamos “hum, a coisa está preta!”, nos referindo a uma situação realmente difícil de ser resolvida. Aí temos que nos policiar mesmo!!
- O cabelo crespo de pessoas afro-descendentes é identificado como “cabelo ruim”;

### E na escola? Como o racismo se manifesta?



Ainda hoje, a própria escola trata de maneira superficial as questões relacionadas ao racismo. Mas isso precisa mudar, a começar pelos livros didáticos!

- Não há destaque do negro em cartazes nas salas de aula;
- A cor negra aparece muito frequentemente associada a personagens maus.
- Geralmente, o negro é representado nas ilustrações como pobre, sem família. A mulher negra aparece de avental e lenço na cabeça; os homens negros são trabalhadores braçais, faxineiros, etc.
- Os textos induzem as crianças a pensar que os brancos são mais bonitos e inteligentes;
- Índios e negros são, geralmente, mencionados no passado, como se não existissem hoje;
- Nas ilustrações dos livros didáticos e até nas telenovelas e filmes, o negro geralmente assume a figura dos subalternos (empregada doméstica, motorista, etc..). Sua condição de homem livre, no seu lugar de origem (África), é “esquecido”: vem à tona apenas o seu papel de escravo, sem lhes dar a importância na construção sócio-econômica e cultura de nossa sociedade, nem da sua luta de resistência contra a escravidão;
- Geralmente, a criança negra é “invisível” nas imagens dos livros didáticos ou desempenha papéis subalternos;
- Outro ponto diz respeito ao negro “ser menos inteligente”. Isto pode desenvolver nos alunos brancos o preconceito quanto à capacidade intelectual da população negra e na própria criança negra um sentimento de incapacidade, que pode conduzi-lo ao desinteresse, à repetência e, até mesmo, a desistir da escola.

Você já sofreu algum tipo de discriminação? Ou presenciou algum ato de racismo? Como você reagiu? Ficou passivo ou emitiu sua opinião a favor da vítima?

Você tem idéia das conseqüências dessa desagradável experiência para a pessoa que é alvo de discriminação? Mas, de uma coisa ninguém duvida, é a cor da pele – aliás, o sinal mais visível – que a pessoa racista aponta à sua vítima e a discrimina!

São inúmeras as formas de se observar preconceitos racistas. Poderíamos passar dias contando e falando sobre isso. Mas não podemos esquecer que vivemos no Brasil, a segunda maior nação negra da Terra, com mais de 50% de sua população composta de afro-descendentes!

Infelizmente, o racismo cresce e cada um de nós, mesmo que não tenhamos a intenção direta de

ofender, acabamos sendo racistas com as pessoas. E a atitude de mudar o jogo depende de cada um de nós.

Às vezes, até brincando, nos tornamos preconceituosos, ou vai negar que você nunca falou, ou ouviu alguma piada ridicularizando o negro, como “lá vem aquele macaco fazer presepada”, “tinha que ser preto” ou ainda “preto quando não suja na entrada suja na saída”. Talvez pensemos que uma pessoa só é negra se tiver a pele “muito escura”, e acabamos desconsiderando os traços físicos dos afro-descendentes, seus gestos, seus costumes, tradições.

Já se perguntou, alguma vez, se você é preconceituoso? Faça essa reflexão!

Que tal ensinar que a diferença pode ser bela, que a diversidade é enriquecedora e não sinônimo de desigualdade? Esses podem ser os primeiros passos para a cidadania plena e o respeito às diversas culturas presentes na sociedade brasileira. Acreditamos que a educação é capaz de oferecer, tanto aos jovens quanto aos adultos, a possibilidade de questionar e desconstruir mitos de superioridade e inferioridade entre as pessoas.

Procure conhecer mais as organizações do Movimento Negro que lutam por ideais de igualdade. Abaixo listamos algumas delas que atuam em prol dos milhões de negros brasileiros: MNU (Movimento Negro Unificado), Geledés, Fala Preta!, Casa de Cultura da Mulher Negra, Unegro (União de Negros pela Igualdade), Cedenpa (Centro de Defesa do Negro no Pará), Soweto – Organização Negra, entre tantas outras.

### “Sabores africanos na nossa mesa”



*Abará*

A condição de escravo foi determinante para explicar como a culinária africana se desenvolveu no país. Os africanos não trouxeram consigo nenhum ingrediente culinário, apenas as lembranças das técnicas aprendidas com seus antepassados, o que os forçou a improvisar para se alimentarem, adaptando seus hábitos aos ingredientes existentes na colônia. Na falta do inhame, por exemplo, usaram a mandioca. Sem as pimentas usaram o azeite de dendê que já conheciam da África.

O jeito africano de cozinhar e de temperar incorporou elementos da culinária européia e indígena, transformando as receitas originais e transformando-as na cozinha brasileira.

Por volta do século XVI, à culinária africana foi incorporada à comida brasileira pelos escravos, consistindo de arroz, feijão, sorgo, milho, cuscuz e carne predominante de caça. Os alimentos eram preparados assados, tostados ou cozidos. Utilizavam como tempero pimentas e óleos vegetais, como o azeite-de-dendê.

Vale lembrar que desde a colonização portuguesa e até bem pouco tempo, o preparo dos alimentos se dava quase que exclusivamente por mãos de mulheres negras.

A seguir, apresentamos alguns dos sabores trazidos da África e introduzidos em nosso cardápio.



*Bobó de Camarão*



*Arroz de Hauça*



## Feijoada

### Um pouco da história:

Originou-se nas senzalas. A alimentação dos escravos era feita com alimentos “fortes”, que pudessem garantir a intensa jornada de trabalho. Naquela época a refeição do escravo era feita à base do feijão misturado com o fubá e sal. Enquanto as melhores carnes iam para a mesa dos senhores, os escravos ficavam com as sobras - pés e orelhas de porco, lingüiça, carne-seca, etc. - que eram misturadas com feijão preto ou mulatinho e cozidas num grande caldeirão de ferro. Estava criada a famosa feijoada!

### Ingredientes:

1 kg de feijão preto  
500g de carne seca bovina  
500g de costela de porco salgada ou defumada  
2 pés de porco salgado  
200g de rabo de porco salgado  
100g de orelha de porco salgada  
200g de lombo de porco defumado  
100g de paio  
100g de lingüiça portuguesa  
100g de língua de boi defumada  
50g de bacon  
200g de cebola picada (para o tempero do feijão)  
100g de alho picado (para o tempero do feijão)  
6 folhas de louro (para o tempero do feijão)  
2 copos de suco de laranjas  
1/4 de xícara de vinagre

### Modo de Preparo:

- Limpar bem as carnes salgadas, tirando o excesso de gorduras e nervuras, limpando os pelos e colocando-as de molho em água por cerca de 24 horas. Trocar a água de três a quatro vezes durante esse período.
- Ferva as carnes salgadas, durante, mais ou menos, 20 minutos, em fogo alto, e jogue a água fora, pois nela está todo o excesso de gordura.
- Coloque, então, as carnes para cozinhar de forma definitiva, já com o feijão e as folhas de louro, na seguinte ordem: carne seca, pé e orelha. Meia hora depois coloque a língua, o rabo e a costela e, após meia hora, coloque o lombo, a lingüiça, o paio e o bacon. Durante o cozimento, retire a gordura que for subindo à superfície.
- Em uma frigideira, doure bem a cebola e o alho em duas xícaras de óleo previamente aquecido e acrescente ao feijão, cozinhe por mais algum tempo e sirva acompanhada de farofa, couve cozida e arroz branco.

## Caruru

### Um pouco da história:

É um prato originalmente do ritual do Candomblé, trazido para o Brasil pelos escravos africanos. De todas as iguarias africanas, é a que mais agradou ao paladar do paraense.

Em Belém, são inúmeras as barraquinhas e/ou carrinhos apropriados para a venda de comida. Pode-se comer acompanhado do arroz branco.



### Modo de Preparo:

- Descasque os camarões e coloque-os em uma vasilha com água e caldo de limão. Deixe de molho por aproximadamente 1 hora e, em seguida, escorra e separe.
- Junte as cascas e cabeças dos camarões, adicione água e deixe ferver. Reserve a água da fervura e jogue fora as cascas e cabeças.
- Em uma panela grande, refogue a cebola, o alho, o pimentão e o tomate. Acrescente o camarão e refogue por cerca de 2 minutos. Depois, adicione o quiabo, a cebolinha e a metade do cheiro-verde. Acrescente a água do cozimento das cascas e deixe ferver. Em um recipiente, coloque a farinha e misture com água até ficar com consistência de mingau grosso.
- Quando o caruru levantar fervura, adicione esse mingau e mexa bastante. Espere ferver novamente. Quando isto acontecer, adicione o azeite de dendê e mexa bastante. Verifique o sal e adicione algumas pitadas se necessário. Cuidado, pois a água da fervura já contém sal. Sirva com arroz branco e molho de pimenta de cheiro.

### Ingredientes

1 Kg de camarão seco e salgado  
5 maços de quiabos (aproximadamente 20 quiabos), cortados em rodelas finas  
1 tomate picado  
1 cebola picada  
1 pimentão picado  
1 maço de cheiro-verde picadinho  
1/2 maço de cebolinha picadinho  
Sal a gosto  
Vinagre ou limão a gosto  
2 copos (americanos) de farinha de mandioca fina  
Azeite a gosto  
80ml de azeite de dendê  
2 dentes de alho amassados

## Vatapá Paraense

### Um pouco da história:

Com os ingredientes encontrados nessa nova terra e a necessidade de suplementar sua dieta alimentar, os africanos escravizados desenvolveram outros pratos, que passaram a ser típicos da culinária brasileira. O vatapá é muito presente na culinária da Bahia e do Pará.

No Pará, alguns ingredientes diferem daqueles utilizados na Bahia. Está hoje tão incorporado a nossa cultura que é considerado uma das nossas “comidas típicas” de maior aceitação popular. Segue a receita do nosso vatapá!



### Ingredientes:

1/2 kg de camarão salgado  
1 garrafa de leite de coco  
6 xícaras de trigo  
1 garrafa pequena de azeite de dendê  
1 tomate  
1cebola  
1cheiro verde  
1alho  
1pimentão

### Modo de Preparo:

- Retire a cabeça e o rabo dos camarões. Lave-os bem para retirar um pouco do sal e reserve as cabeças e os rabos. Refogue os camarões com cebola, tomate, alho, cheiro verde e pimentão.
- Coloque um pouco do azeite de dendê e bata as cabeças, os rabos e as cascas dos camarões no liquidificador com um pouco de água. Coe e coloque em uma panela grande, com aproximadamente 10 litros de água. Coloque o trigo e mexa bem para misturar.
- Leve ao fogo, mexendo sem parar para não embolar. Quando começar a engrossar, coloque os camarões refogados e mexa novamente. Coloque o leite de coco e mexa bem. Em seguida, coloque o azeite de dendê e mexa por mais 10 minutos até engrossar. Sirva com arroz branco. Porção para 5 pessoas.

## Aluá

### Um pouco da história:

Bebida refrigerante feita de milho, arroz e casca de abacaxi fermentada com açúcar ou rapadura, usada tradicionalmente como oferenda aos Orixás. Teria surgido no Congo no século XVIII e trazido ao Brasil pelos escravos.

#### Modo de Preparo

- Coloque as cascas de abacaxi em uma tigela grande e cubra com água. Cubra a panela com pano limpo e deixe descansar até o dia seguinte. Junte os demais ingredientes e deixe descansar por mais um dia. Coe a bebida para uma jarra e deixe na geladeira até o momento de servir.



#### Ingredientes:

- Casca de 2 abacaxis bem maduros e lavados
- 2 litros de água filtrada
- 1 xícara de açúcar mascavado
- 6 cravos-da-índia
- 1 colher (chá) de gengibre ralado

## Pé-de-Moleque

### Um pouco da história:

É um doce criado no Brasil, mais precisamente no nordeste do país. Sua origem é dos engenhos de açúcar. Dizem que uma cozinheira negra fazia o doce de amendoim e deixava na janela para descansar. Quando ela ia pegá-los, encontrava sempre o tabuleiro vazio. Ela se escondeu, colocou-o na janela e esperou escondida, até que apareceu um moleque que pegou o doce. Ao flagrar o moleque roubando o doce ela gritou: Da próxima vez PEDE, MOLEQUE!



#### Ingredientes:

- 500g de amendoim cru
- 5 xícaras de chá de açúcar
- 1 lata de leite condensado

#### Modo de Preparo

- Leve ao fogo o açúcar com o amendoim, mexa sem parar. Se formar pelotinhas de açúcar, dissolva batendo com a colher-de-pau. Quando todo açúcar estiver derretido, despeje o leite condensado. Mexa por mais 5 minutos e despeje em uma superfície levemente molhada com água.

## Agenda

### “Aqui se fala afro? O ABC negro falado no Brasil”

A língua falada no Brasil recebeu várias contribuições dos negros. Muitas palavras foram aproveitadas. Além disso, também herdamos a maneira de falar, com um jeito muito espontâneo e claro na maneira de expressar as palavras. Conheça, a seguir, algumas das contribuições africanas.

#### A

**Abadá:** Túnica folgada e comprida, muito usada pelos africanos, e que hoje denomina as camisas dos blocos de carnaval fora de época em todo o Brasil.

**Aiuê:** Dança ou cortejo bailado, muito dançado nos municípios paraenses de Gurupá, Oriximiná e Faro. O nome é de inspiração africana da exclamação aiué.

**Aluá:** Bebida feita de milho verde ou com a casca do abacaxi, temperada com gengibre e fermentada com rapadura. Sua origem é incerta. Era uma espécie de cerveja servida no Reino de Congo no século XVIII.

**Angu:** Palavra trazida de Angola que significa “massa feita de fubá de milho ou de mandioca”. Era muito utilizado para alimentar os escravos, que tinham na alimentação forte a energia para suportar a intensa jornada de trabalho.

**Atabaque:** Instrumento de percussão. Consiste de um tambor, que é usado nas danças e cultos religiosos afros.

Axé: Saudação; força vital e espiritual.

#### B

**Babá:** Seu significado remete a pai-de-santo, responsável pelos terreiros de umbanda e quem faz a ligação entre a divindade com os homens. Pessoa que cuida de crianças.

**Bambambã:** Bonzão, maioral.

**Banana:** É considerado o mais popular africanismo no Brasil. É o fruto da bananeira; mas também pode ter o seu nome usado para designar uma pessoa medrosa ou um gesto obsceno. O fruto é proveniente do oriente e da África.

**Banguela:** Nome de uma tribo na África, de onde vieram escravos para o estado do Pará. É usado para denominar uma pessoa desdentada.

**Bagunça:** Baderna, algo desorganizado.

**Banzeiro:** Onda, marola de barco.

**Boró:** Palavra criada pelos escravos do Pará, especificamente de Belém, que fazia alusão a dinheiro miúdo. Era uma espécie de bilhete de ônibus

usada na cidade no tempo que só faziam dinheiro graúdo. Daí surgiu à expressão “estou sem nenhum boró”.

**Bugiganga:** Adereços; enfeites e miudezas.

**Bunda:** Esta palavra é derivada da língua Quimbunda, que é a falada pelos povos negros de Angola. É normalmente usada para referenciar as nádegas.

#### C

**Cacete:** Porrete; bordão; órgão sexual masculino; impertinência. Em Belém, era o nome dado para três jornais que circulavam na cidade no início do século XX.

**Caçula:** Palavra oriunda da palavra “kasule”, que significa “último filho, o mais novo”.

**Cafundó:** Significa lugar distante. Da palavra surgiu a expressão “Cafundós do Judas”, remetendo a um lugar muito longe e de difícil acesso.

**Cafuné:** Etimologicamente a palavra deriva do Quimbundo “kufundu”, que quer dizer “cravar, enterrar”. No entanto, no Brasil ela tem o significado de “carícias, carinho”, etc.

**Cafungar:** Cheirar, esmiuçar, futucar.

Capenga: Manco, algo ultrapassado.

Carimbo: Marca, sinal colocado nos escravos para identificá-los.

**Catinga:** Cheiro forte; desagradável; desprendido pelo sovaco.

Cochilar: Derivada da palavra “kuxila”. Significa “dormir; cair num sono; cabecear”. Dela surgiu à expressão “Tirar um cochilo”.

#### D

**Dendê:** Palmeira originária do Congo e da Guiné introduzida no Brasil. O azeite é usado na culinária e nos rituais afro.

**Dengo:** Carinho; carícias. Da palavra surgiu a expressão “Fazer um dengo”.

**Dunga:** Palavra que significa excepcional; incomparável.

#### E

**Encabulado:** Envergonhado; acanhado; desapontado.

tado.

**Encafuado:** Derivada da palavra “kufundu”, significa “pessoa que se oculta ou esconde”.

**Enquizado:** Derivada de “quizila”, significa aborrecer, enraivecer, perturbar.

**Erê:** Denominação que é dada para as crianças. Seu nome vem do lorubá, “iré”, que significa “brincadeira, divertimento”. É considerado uma entidade dos cultos religiosos afro.

## F

**Farofa:** Derivada da palavra “falofa”. É uma mistura de farinha com azeite ou gordura.

**Forró:** Baile popular; arrasta-pé. É marca do folclore brasileiro.

**Fuá:** Em línguas da África significa “abandonado”. No Pará, o termo é utilizado para nomear o cabelo enrolado dos negros.

**Furdunço:** Desordem; barulho.

**Fuxico:** Fofoca, falar mal dos outros. Artesanato feito com pedaços de panos.

**Fuzuê:** Palavra que surgiu no Congo, mas escrito “fuzo”. Significa “briga; complicação”.

## G

**Ginga:** Maneira de andar, bambolear o corpo.

**Gogó:** Saliência da cartilagem; tireóide dos homens. É o nome popular dado à garganta ou ao pescoço dos homens.

**Gororoba:** É usada pra expressar uma comida malfeita.

**Guimba:** Ponta do cigarro já apagada. Surgiu provavelmente do Quimbundo, “kima”.

## H

**Hã:** Interjeição de surpresa ou de admiração entre os iorubas.

**Hauçá:** Nome de um dos povos africanos. É muito conhecido na culinária o arroz-de-hauçá.

**Hum-Hum:** adj. Som emitido com variada significação: afirmativa, negação, indiferença.

## I

**Iaiá:** Denominação usada pelos escravos para chamar as senhoras. Também pode ser falado como sinhá.

**Iansã:** Orixá feminino que preside os ventos e as tempestades. Originária do lorubá “Iyá-san”, que significa mãe dos raios.

**Iemanjá:** Orixá feminino que preside as águas. No Pará é venerada no dia 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição para os católicos.

**Inhaca:** Azar; mau cheiro.

## J

**Jabá:** Derivada da palavra “jàbâjabá”. Significa “carne seca; charque”.

**Jagunço:** Valentão; capanga; guarda-costas. Jiló: Fruto do jiloeiro.

**Jongo:** Dança de umbigada de origem africana. Espécie de samba.

## L

**Lambada:** Chicotada; tunda; tipo de dança. Originária do Quimbundo “kulamba”, açoite.

**Lambança:** Patranha; mentira; gabolice. Usada no Pará proveniente do Quimbundo “lamba”, que significa “quizar”.

Lengalenga: Conversa fiada.

**Libambo:** Corrente de ferro presa à perna dos escravos. Foi bastante difundido pelo Pará.

**Lundu:** Espécie de samba de roda, dança e canto. O Lundu foi originalmente uma dança sensual praticada por negros e mulatos em rodas de batuque.

## M

**Macaco:** Mamíferos da ordem dos primatas, que vivem em países tropicais.

**Macumba:** Culto de inspiração afro-brasileiro. É de origem banto “makumba”, que significa cadeado, fechadura.

**Mafuá:** Lugar desorganizado.

**Marabaixo:** Derivada de Marabut, sacerdote dos maleses. É uma dança festiva de mestiços e negros muito comum na Amazônia, mais precisamente no Amapá.

**Marimba:** Instrumento musical; xilofone.

**Maxixe:** Planta herbácea rasteira; frutos com espinhos moles. Nome dado a uma dança que surgiu no Brasil no final do século XIX.

**Mochila:** Bolsa carregada a tiracolo.

**Moleque:** Garoto, criança, escravo novo. Nome dado a uma iguaria da culinária afro-brasileira chamada de pé-de-moleque.

## N

**Nagô:** Nome dado a todo negro da Costa oeste da África que falava ou entendia o lorubá. Os negros nagôs tiveram uma marcante influência religiosa e social em todo o Brasil.

**Nhá:** Forma simplificada de senhora, sinhá.

**Nenê ou neném:** Criança de colo.

## O

**Ogã:** Palavra do lorubá que significa “pessoa ilustre”. É a pessoa superior dos terreiros, o chefe do terreiro.

**Ogum:** Divindade nagô, filho de Iemanjá e Oranhiã. É o deus do ferro e da guerra.

**Orixá:** Nome dado às divindades de culto iorubano. Essa divindade é a intermediária entre os cultuadores e os deuses superiores da religião afro-brasileira.

**Oxalá:** Orixalá, filho de Olórun. É o grande orixá que comanda os caboclos.

## P

**Patota:** Turma, grupo.

**Pirão:** Farinha de mandioca com água.

**Punga:** O mesmo que “embigada” na coreografia do samba.

**Puíta:** É um instrumento musical parecido com uma cuíca.

## Q

**Quenga:** Guisado de galinha com quiabo; mulher safada. Nome de uma luta praticada no Marajó, a Quengada.

**Quengo:** Cabeça; crânio.

**Quiabo:** Planta comestível. Fruto do quiabeiro.

**Quitute:** Comida gostosa. O termo original da palavra vem do Quimbundo “kitútu”, possuindo o mesmo significado.

**Quizomba:** Dança; festa; alegria.

## R

**Ranzinza:** Pessoa rabugenta; teimosa.

**Reco-reco:** Instrumento de percussão no qual o músico esfrega com uma vareta as aberturas de madeira.

**Ritumba:** Espécie de tambor. No Pará, há uma dança de São Benedito chamada Retumbão.

**Rum:** O maior dos atabaques, usado no batuque paraense.

## S

**Sacana:** Pessoa patife; sem-vergonha.

**Samba:** Do “semba”, dança de umbigada ou de

peitada; Baile popular.

**Saravá:** Saudação na língua Quimbunda.

**Sunga:** Peça de roupa masculina, espécie de tanga, calça de criança.

## T

**Tambor-de-crioula:** Dança em louvor a São Benedito, santo negro.

**Tanga:** Pano que cobre as partes genitais. Era usado pelos escravos. Roupa de praia das mulheres.

**Tango:** Certo gênero de música popular incorporada ao folclore regional.

**Tarimba:** Espécie de cama onde dormem os soldados; leito.

## U

**Ubatá:** Instrumento musical, que foi trazido pelos escravos africanos para o Brasil.

**Urucubaca:** Azar; má sorte.

## V

**Verequete:** Vodum nos cultos jêjes- nagôs. No Pará, faz referência ao cantor Augusto Gomes Rodrigues, famoso compositor e cantor de carimbó.

**Vodum:** Denominação dada aos deuses jêjes-nagôs.

## X

**Xangô:** Divindade dos raios e da justiça.

**Xeque-xeque:** Instrumento musical usado no Carimbó.

**Xingar:** Molestar; aborrecer; chasquear.

Xodó: Pessoa por quem se tem afeição; amor.

## Z

**Zabumba:** O mesmo que bumbo; tambor grande com duas membranas.

**Zagaia:** Aparelho de pesca; espécie de lança.

**Zanga:** Pirraça; Antipatia.

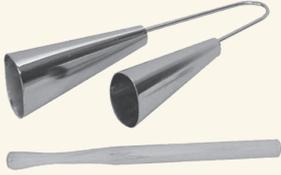
**Zombar:** Gracejar; encarnar em alguém, fazer graça.

**Zonzo:** Tonto; estonteado.

**Zunzum:** Boato.

## Instrumentos Musicais

**Tan-tan:** Muito popular nas rodas de samba, tem a função de ditar o ritmo para os demais instrumentos. É feito de tronco de árvore escavado, com pele de cabra numa das extremidades. É afinado através de cordas. No Brasil, encontramos este instrumento em alumínio e com pele sintética.



**Agogô:** Trazido pelos negros iorubás, é essencial nos ritmos brasileiros e também nos cultos afro-religiosos. É constituído de dois ou mais corpos cônicos de metal, em tamanhos e sonoridades diferentes, sendo que o mais comum possui duas campânulas.

**Reco-reco:** É um termo genérico dado a instrumentos que produzem som por raspagem. A forma mais comum é constituída de um gomo de bambu ou uma pequena ripa de madeira com talhos transversais. A raspagem de um pauzinho sobre os talhos produz o som. Também é chamado de raspador, caracaxá ou querequexê.



**Berimbau:** É considerado o mais completo instrumento de percussão, bastante usado no candomblé e na capoeira. Tem um som muito peculiar, produzido através da vareta e da pressão da argola. É uma corda de metal com uma cabaça, usada como caixa de som, um arco feito de madeira (a mais usada é a biriba) e tem as pontas ligadas por meio de um fio de aço. Numa das extremidades, amarra-se uma cabaça, onde faz-se uma abertura na parte que se liga com o caule e, na parte inferior, dois furinhos por onde passará o cordão que vai ligá-la ao arco de madeira e ao fio de aço. Para tocá-lo, toma-se um dobrão (moeda antiga) ou um seixo arredondado e chato, uma baqueta feita de madeira ou bambu e um caxixi.



**Pandeiro:** Originário da África Oriental, é considerado um instrumento de percussão completo, pois oferece os tons graves, médios e agudos. Feito em madeira, couro de cabra e cinco pequenos pratos, é muito utilizado em músicas populares. No Brasil é indispensável em rodas de samba.

**Banjo:** Instrumento de corda, com caixa de ressonância e braço onde se estendem as cordas. Na África é conhecido pelos nomes de “bania” ou “banza”. Foi levado por escravos negros para a América do Norte, e lá, industrializado, tomando a forma e o acabamento conhecidos nos dias de hoje! No Pará o banjo é utilizado no Retumbão, na Marujada e em muitos conjuntos de Carimbó, onde é confeccionado de forma artesanal.

## As danças

A dança é uma das maiores representações de uma cultura popular, pois é através dela que se mantém vivas as tradições de um povo.

As danças de influência africana foram registradas primeiramente na composição das religiões africanas que começaram a se fortalecer em meados do século XIX com a ajuda dos membros das tribos Sudanese e Bantos. Eles foram responsáveis pela criação do candomblé e de outros segmentos religiosos que deram origem à dança dos caboclos e de

outros aspectos da cultura africana.

Dentre as inúmeras contribuições deixadas pelos negros, algumas se destacaram e se tornaram danças populares, freqüentes em várias regiões do Brasil. Existe uma diversidade enorme relativa às danças de origem africana ou que sofreram sua influência direta. Aqui serão apresentadas as mais populares e, também, as mais comuns da nossa região!



### Carimbó

É uma dança de roda, que ocorre no estado do Pará, principalmente nas regiões da ilha do Marajó e litoral atlântico paraense. É considerado um estilo musical de origem indígena, que recebeu grande influência

afro na percussão. Seu nome faz alusão a um tambor usado na dança chamado de Curimbó que, na forma tradicional, é feito com troncos de árvores. A dança caracteriza-se por movimentos giratórios do corpo, como bamboleios e umbigadas. A parte mais importante da dança é a marcação coreográfica de um dos pés sempre à frente do corpo.

### Boi-bumbá ou Bumba Meu Boi

A brincadeira ou dança do boi é uma das figuras



mais expressivas do folclore brasileiro, ocorrendo de norte a sul do país, sofrendo variação apenas na denominação. Ela é original do nordeste brasileiro, mas propagou-se por quase toda a região amazônica. A sua trama

teria surgido no século XVIII devido às atividades de criação de boi.

A dança é uma manifestação popular, cômico-dramática, organizada em cortejo, onde o enredo acontece em torno do boi. No estado do Amazonas ocorre o Festival Folclórico de Parintins, uma competição entre os bois Garantido e Caprichoso. No estado do Pará, em boa parte dos municípios, existem vários grupos de Boi-bumbá, como o Boi Malhadinho, Boi Tinga, Estrela D'Alva, Pingo de Ouro e muitos outros.



### Marambiré

A dança do Marambiré é típica de Alter-do-Chão, em Santarém, no oeste do Pará. Ela possui um enredo composto por

personagens como rei, rainha, princesa e vassallos. A coreografia é realizada com base na melodia. Os nobres cantam a música, enquanto os súditos a dançam de forma diferente. A indumentária é muito rica, composta por vários acessórios e pelo uso de elementos da cultura afro.

### Marujada

A dança da Marujada surgiu da festividade a São Benedito, na cidade de Bragança, estado do Pará, em 1798. Na época, os senhores de escravos concederam a estes o direito de se divertir e homenagear o santo da mesma cor. Os escravos criaram uma dança, que tem cunho folclórico-religioso.



### Pretinhas de Angola



Como o nome já diz, é uma dança trazida pelos negros de Angola, para a região dos Tapajós, no estado do Pará. É uma dança exclusivamente feminina, onde as mulheres descendentes de escravas dançam formando sempre

um círculo. É dançada aos pares e suas letras fazem referência às jornadas de trabalho dos negros.

### Lundu

É o primeiro gênero afro-brasileiro da canção popular. O Lundu foi originalmente uma dança sensual praticada por negros e mulatos em rodas de batuque. O tema da dança é o convite feito pelo homem à mulher para um encontro sexual, a cópula. A dança começa com a mulher negando o



convite, mas ao final não resiste ao pedido. O Lundu é uma dança belíssima e, sem sombra de dúvidas, umas das mais interessantes do nosso folclore.



### **Samba**

O Samba é uma dança popular originada de ritmos, danças sociais e religiosas dos negros africanos, fundindo-se às danças e contos sagrados dos indígenas brasileiros. Sua origem é duvidosa, pois alguns historiadores consi-

deram que o samba tenha surgido na Bahia ainda com os batuques, sendo denominado pelo mesmo nome, samba de batuque. Todavia, a origem mais certa é que teria surgido nos morros cariocas, criado por descendentes de escravos no final do século XIX e início do XX, que incorporaram características de outros ritmos como a sensualidade do Lundu e os

instrumentos de percussão. As letras tinham uma grande importância social, já que elas abordavam vários assuntos como preconceito racial, vida dos negros, etc.

### **Capoeira**

Uma espécie de dança, luta e jogo, é bastante difundida no nosso país, e sua criação está ligada à preparação dos negros escravizados, que disfarçavam a luta na dança com a ajuda da música e das cantigas e, assim, treinavam perante os senhores sem levantar suspeitas.



A energia dos golpes trazia inspiração das técnicas de ataque e defesa de alguns animais, reproduzindo ainda alguns instrumentos usados no cotidiano. A beleza da luta nascia do desejo de liberdade dos negros oprimidos!

## **Projeto de Pesquisa “Cafuá na Amazônia: Cadê a contribuição cultural do negro que tava aqui?”**

### **Considerações Gerais**

A presença negra é uma das mais importantes na formação do povo brasileiro. O jeito de ser e de viver das pessoas que moram no Brasil está completamente impregnado da herança africana: nosso falar, gestos e religiosidade, na comida e na música, entre outros aspectos da nossa cultura. A partir de estudos e discussões mais aprofundadas, o grupo “Memória Afro-amazônica” percebeu que é preciso recontar a nossa história, enxergando o negro como sujeito muito presente. Mas constatou também que a história contada na sala de aula precisa deixar de ser “encafuada”, para que o negro, que corresponde a 50% da nossa sociedade, se enxergue na construção dessa história.

Em vista disso, durante as discussões realizadas nos primeiros encontros, os pesquisadores mirins perceberam que nos estabelecimentos de ensino os enfoques relativos à contribuição dos africanos à nossa cultura é bastante superficial, pois limita-se a apresentar “pedaços” da história da época colonial sob o ponto de vista dos colonizadores, colocando-os apenas como mão-de-obra escrava, além de uma “pincelada” sobre algumas heranças culturais (algumas danças, comidas etc.) advindas dos africanos!

Para reforçar o que o grupo levantou como hipótese “ainda que o povo amazônico vivencie, no seu dia-a-dia, aspectos da cultura africana, desconhece a sua “autoria”, foi realizada uma consulta preliminar, com 10 pessoas, para detectar se a problemática levantada procedia ou não. Na pesquisa foi constatado o desconhecimento dos entrevistados com relação à contribuição negra na cultura brasileira: poucas coisas são internalizadas, na memória das pessoas, como sendo originário ou de influência africana.

O ponto seguinte, discutido no grupo, foi definir qual seria realmente o objetivo do estudo, ou seja, o que os pesquisadores mirins queriam realmente descobrir, quem seriam os sujeitos e o locus da pesquisa, e a metodologia de verificação a ser aplicada durante o estudo.

### **Objetivos da pesquisa**

A principal finalidade do grupo foi levantar e identificar informações gerais sobre o que as pessoas, que moram na Amazônia, conhecem ou consideram como sendo de origem ou de influência africana.

### **Locus e universo da pesquisa**

O Parque Zoobotânico do Museu Goeldi foi o lugar escolhido pelos pesquisadores mirins para a aplicação do questionário, considerando como sujeitos da pesquisa os seus visitantes, moradores da re-

gião amazônica há, pelo menos, cinco anos, com idade acima de 12 anos.

### **Metodologia utilizada**

Como métodos de coleta, foram utilizados questionários semi-estruturados aplicados de terça a domingo, dias em que o Parque Zoobotânico está aberto à visitação pública. Entre os dias 3 a 9 de outubro de 2008, 13 entrevistadores (pesquisadores mirins) aplicaram 55 questionários. Os entrevistadores trabalharam em duplas previamente estabelecidas para facilitar o diálogo com os entrevistados e evitar o fator inibição entre os mais tímidos, quando em contato com pessoas desconhecidas.

### **Quem são os entrevistados?**

Nas questões relativas a sexo, faixa etária e escolaridade, os resultados foram os seguintes: do total de 55 entrevistados, a maioria (55%) era composta por mulheres. A maior incidência de entrevistados ficou na faixa etária entre 12 e 29 anos, que somados, aproximadamente 65%, ou seja, faixa de idade onde a maioria ainda é estudante dos diversos níveis de ensino.

Quanto ao nível de escolaridade, nenhum entrevistado é analfabeto, sendo que a maioria tem nível superior completo ou incompleto e que somados chegam a quase metade dos entrevistados, Mais de 30% do restante dos entrevistados possui nível médio.

### **De onde vêm?**

Como a pesquisa deveria ser aplicada apenas com moradores da região amazônica, este item foi separado em dois campos:

Com relação aos paraenses, os moradores da capital, Belém, somaram 60% dos entrevistados, seguidos pelos moradores dos municípios que habitam a Região Metropolitana de Belém, municípios de Ananindeua e Marituba. Estes correspondem a 15% dos entrevistados. O restante dos entrevistados mora em outros municípios paraenses num total de 33%. Esse é um número significativo considerando a quantidade de visitantes na época: justamente a semana de chegada dos romeiros para o Círio de Nazaré, no mês de outubro.

Dos moradores de outros estados amazônicos, obteve-se a soma de 7%. Cabe registrar que apesar do mês de outubro ser considerado de alta estação em nossa cidade, a maioria dos turistas vem de outros estados brasileiros e não da própria Amazônia.

### **No teste de memória qual foi o resultado?**

Na aplicação dessa questão, sugeria-se ao entrevistado que buscasse em sua memória e citasse, pelo menos, dois exemplos de cada categoria - comida, dança, instrumento musical, palavra e outros - que tivessem origem ou influência africana.

Na categoria comida, o resultado não surpreendeu, pois a maioria lembrou do acarajé, da feijoada e do vatapá, somando quase 50% das respostas. Sendo que neste quesito algumas pessoas incluíram outras comidas que não fazem parte da culinária afro-descendente, como o estrogonofe e a tapioca. Na categoria danças, 30% não opinou, 22% citou a Capoeira, seguida do Carimbo com 18% os 30% restantes citaram o axé, a marujada, o lundu, o boi-bumbá, entre outros.

No quesito instrumento musical, boa parte dos entrevistados se saiu muito bem, mas os instrumentos mais citados foram o “berimbau” e o “tambor”, com mais de 50% do percentual das opções.

Na categoria vocabulário, como o grupo já previa, a maioria não soube opinar, totalizando quase 67%. Os outros entrevistados citaram apenas palavras mais populares como “candomblé” e “axé”, e alguns, inclusive, erraram, citando palavras de origem tupi como “Jacy” e “Guarany”.

### **O que os entrevistados aprenderam na escola sobre a história dos afro-descendentes?**

Na pergunta relativa ao que realmente marcou às aulas de história sobre a África e a presença negra na formação de nossa cultura, a quase a totalidade das respostas fez alusão direta à escravidão: 64% dos entrevistados lembraram do tráfico de escravos, das torturas, das leis, das lutas, ou seja, a memória de cada um destes brasileiros está intimamente ligada a esse assunto específico; ficando em segundo lugar a capoeira e os cultos afro-religiosos, representando cerca de 12% das citações. Esse resultado coincide com estudos realizados por Ratts e Damascena (2006), quando se referem que

os currículos escolares sempre negaram ,a colaboração de africanos e africanas e seus descendentes na formação da cultura do povo brasileiro, reduzindo essa colaboração ao passado escravista e à esfera da música, da dança, da culinária e, no máximo, da religião.

Essa questão reforça a necessidade de que não foram abordados, na sala de aula, outros temas de maior relevância com relação à grande contribuição dos africanos escravizados, e à história desse continente tão diverso e tão desconhecido pelos brasileiros, cuja população negra chega a 90 milhões de pessoas. Essa é uma parcela da sociedade que é quase invisível.

Referências deste texto

RATTS, A.; DAMASCENA, A.A. Participação africana na formação cultural brasileira. In: UNB. Centro de Educação à Distância. Educação Africanidades Brasil. Brasília: UnB/CEAD, 2006. p.169-183.

### **Na adivinhação, será que a memória dos entrevistados funcionou melhor?**

Foram colocadas 30 palavras e costumes que fazem parte do dia-a-dia dos brasileiros para que os entrevistados marcassem as que eles acreditavam que fossem realmente de origem afro, das quais, apenas três, não têm influência africana.

Com relação às questões de memória das palavras, o número de acertos foi facilitado: mais de 63% dos entrevistados acertaram entre 11 e 20 palavras. No entanto, ninguém alcançou o índice acima de 26 respostas corretas e 28% obtiveram apenas de 1 a 10 acertos.

### **Será que os entrevistados sabem onde se localizam as comunidades remanescentes de quilombos?**

Onde houve escravidão existiam quilombos que, para os negros escravizados. Esses territórios eram sinônimos de liberdade; lugar onde se abrigavam ao fugir para as matas.

Na questão referente ao conhecimento do entrevistado sobre a existência de quilombos na nossa região, o resultado foi o seguinte: 33% dos entrevistados desconheciam a existência de tais comunidades na região; 42% sabiam, mas não tinham conhecimento de quais são e nem onde se localizam; e apenas 24% citaram algumas dessas comunidades rurais, mas nenhum entrevistado sabia que, próximo à capital paraense, existiam tais comunidades.

Nessa questão é importante ressaltar que o resultado não surpreendeu, pois esse assunto, quando tratado nas aulas de história, refere-se, no máximo, à existência no passado do mais famoso de todos: o quilombo dos Palmares! Mas a história registra a presença desses espaços organizados, que praticavam, principalmente, atividades agrícolas, em todas as regiões do Brasil, com grande incidência no Estado do Pará!

### **Como os entrevistados se saíram nas questões relativas ao preconceito racial?**

Desde pequenos fomos acostumados com a idéia de que no Brasil “não há racismo” nem “preconceito de cor”. A questão citava as três frases sobre situações vivenciadas no dia-a-dia, que, muitas vezes, nem percebemos que são atos preconceituosos contra os afro-descendentes; uma alternativa que o entrevistado nunca havia presenciado; e ainda uma última em que o próprio entrevistado citava alguma frase ou atitude por ele presenciada. Nesta questão poderiam emitir até duas opiniões!

Das frases/attitudes mais citadas, tiveram destaque as seguintes: “Você é preto de alma branca” com 27% ; em seguida, as frases por eles citadas, com 25% , entre elas “preto quando não suja na entrada, suja na saída”, “tinha que ser preto”, “preto correndo é ladrão”, entre outras. Apenas 5% alegaram nunca ter presenciado attitudes preconceituosas.

É fato que esse assunto é muitas vezes camuflado, mas a incidência de fatos que envolvem o preconceito contra os afro-descendentes é corrente. Quanto mais melanina e traços físicos africanos, mais discriminados são!

Mas, por onde começar a construir uma sociedade que reconheça e valorize a influência africana na nação brasileira, senão na própria escola? É lá que é possível mostrar a diversidade dos traços, ressaltando a beleza particular de cada um. Como podem o negro e o mestiço se colocar diante de um lugar onde é omitido o valor e o prestígio social e histórico de seu povo?

## **Quanto às dificuldades em responder as questões relativas à influência do negro na cultura brasileira, que justificativa foi dada pelos entrevistados?**

Essa pergunta apresentava três alternativas fechadas e uma aberta, onde os entrevistados deram sua opinião sobre o assunto.

A falta de interesse particular de cada brasileiro foi a alternativa escolhida pela maioria dos entrevistados, aproximadamente 37%. Em seguida vêm os que opinaram acerca do conteúdo: as escolas continuam ligando essa temática ao passado escravista e ao mundo da música e um pouco ao da religião. Um quarto dos entrevistados culpa a escola e os programas curriculares adotados, como principais motivos pela falta de conhecimento. A falta de interesse/preparo dos professores para o tratamento desta temática; a falta de divulgação na mídia; e a falta de leitura acerca do assunto são outras justificativas alegadas por 24% dos entrevistados!

### **Sabia que existe uma lei desde 2003 que obriga as escolas a incluir a temática “Africanidades” nos currículos?**

#### **Veja o que os entrevistados responderam**

Considerando a consulta prévia, realizada anteriormente com dez pessoas, ficou óbvio que elas desconheciam a Lei 10.639, sancionada em 2003, que obriga todos os estabelecimentos da rede pública e particular de ensino a incluir no currículo oficial a temática “História e Cultura Africana e Afro-brasileira”.

Por esse motivo, conheça os resultados relativos à essa questão que continham quatro perguntas fechadas e uma aberta para que o entrevistado emitisse sua opinião a respeito da lei.

A maioria dos entrevistados (42%) nunca ouviu falar da lei, apesar de ela já existir há mais de cinco anos. Mais de 30% já ouviram falar, mas sabem que isto ainda não é uma realidade nas escolas, justificando que os professores ou não têm tempo ou não se interessam em introduzir essa temática. Outros quase 20% acreditam que é necessário preparar os professores para inserir a temática em sala de aula. As opiniões pessoais somaram 7%, que acreditam que esse é o papel do professor. Ainda que não fosse falado, deveriam existir materiais didáticos mais atualizados para que fosse possível inserir o tema sem cometer os erros do passado.

É fato que essa história contada ecoa até hoje nas condições de desigualdades enfrentadas todo dia pela população negra e mestiça e a inserção da lei, em sua plenitude, nas escolas é imediata e necessária!

### **O que os entrevistados sugerem como produto final do grupo, sobre a temática “Africanidades”?**

A última questão solicitava dos entrevistados sugestões de apresentação das pesquisas realizadas pelo grupo a partir dessa entrevista.

Cerca de 70% dos entrevistados deixaram suas sugestões, sendo que a maioria, cerca de 20%, sugeriu a produção de cartilha educativa sobre o tema; 12% sugeriram a produção de peça de teatro para tratar do assunto, inclusive sobre os quilombos paraenses. Vale destacar outras sugestões isoladas apresentadas por algumas pessoas como: fazer propagandas, produzir um documentário que mostre como os negros viviam no passado, um DVD sobre quilombos, o museu possuir uma área reservada para falar especialmente sobre a cultura afro, entre outras!

### **Considerações finais e recomendações**

Durante o ano de 2008, foi possível vivenciar muitos aspectos relativos à cultura africana e afro-brasileira, e perceber nitidamente a distância existente entre o que aprendemos na escola e o que vivenciamos no cotidiano.

Trata-se de um assunto extremamente complexo, mas que precisa ser discutido com mais intensidade em nossa sociedade, seja na escola, nas ruas, na mídia, enfim, é necessário que desde muito pequenos percebamos a importância desse povo, que na sua essência está presente em tudo que vivemos.

A confecção de um kit e de uma cartilha educativa “Cadê a contribuição negra que está aqui” foi

a forma encontrada por nós, pesquisados mirins, para que os assuntos debatidos e pesquisados durante os encontros fossem efetivamente divulgados junto aos usuários, uma vez que procura levantar questões sobre assuntos muitas vezes “encafuados”, “esquecidos”, mas fundamentais para legitimar a importância dessa influência em nosso dia-a-dia.

Outro ponto a frisar é a necessidade de se valorizar e colocar descendentes africanos como participantes efetivos da construção de nossa sociedade, iguais, e que precisam de oportunidades para não só conhecer, mas para serem reconhecidos como personagens fundamentais na construção dessa história! É indispensável que os brasileiros tenham condições reais de lutar com igualdades pelos seus direitos.

Por fim, recomendamos que é fundamental que os professores se atualizem e saibam como conduzir os conteúdos garantidos por lei, tomando cuidado para que não passar informações equivocadas. Nesse contexto, também é necessário cobrar das autoridades, principalmente dos diretores de instituições de ensino, para que façam a lei sair do papel e seja aplicada à realidade, pois não basta ser obrigatório, é preciso investir na formação dos educadores e saber ouvir os movimentos sociais organizados que produzem material didático sobre a temática.

É necessário, enfim, multiplicar as iniciativas, estimular a reflexão e, a partir dela, buscar outros meios de aprendizagem e conhecimento para que possamos, de certa forma, africanizar a História do Brasil.

## Para saber mais...

### Livros:

O negro no Pará, sob o regime da escravidão. Vicente Salles. Ed. FGV.

No Caminho das Pedras de Abacatal. Rosa Acevedo Marin e Edna Maria Ramos Castro. Editora (NAEA/UFPA).

Dicionário Escolar Afro-Brasileiro – Nei Lopes

A presença negra no Brasil. In: Educação africanidades Brasil. Luiz Carlos dos Santos. MEC – SECAD – UnB – CEAD.

O Brasil e a África. Manuel Correia de Andrade. Ed. Contexto.

África e o Brasil: uma ponte sobre Atlântico. Paulo Martinez. Moderna.

A África está em nós. História e cultura Afro-Brasileira. Roberto Benjamin. Ed. Grafset.

Educando pela diversidade Afrobrasileira e Africana. As ações afirmativas- Ressignificando os temas transversais Lei 10.639/2003-Comentada. Jorge Arruda. Dinâmica Editora.

O Candomblé na Bahia: rito nagô. Roger Bastide (Título original: Le candomblé de Bahia: rite nagô). Companhia das Letras.

Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns. Tradução: Carlos Eugênio e Marcondes de Moura. EDUSP

O que é Candomblé?(Coleção Primeira Passos). João Carmo - Editora Brasiliense.

Xirê! O modo de crer e de viver do candomblé. Rita Amaral. Editora Pallas.

Mural dos Orixás. Carybé. Raizes Artes Gráficas.

Coleção: Divindades Afro-Brasileiras. Editora Abril.

Coleção de livros Orixás. Vários autores. Pallas Editora.

Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. (MEC/SECAD).

História da Amazônia: Pará. Org. Maria de Fátima Cravo de Souza. Editora Cejup.

### LITERATURA INFANTIL

A ovelha Negra. Bernardo Aibê.Ed.Mercúrio.

Bruna e a galinha d'angola. Gecilda Almenida. PALLAS Editora

Um céu azul para Clementina . Marcos Bagno.Ed.LÊ

Menina bonita do laço de fita. Ana Maria Machado.

Histórias da Preta. Heloisa Pires Lima .Cia das Letrinhas.

Contos africanos para crianças brasileiras. Rogério Andrade Barbosa. Ed. Paulinas.

Outros contos africanos para crianças brasileiras.Rogério Andrade Barbosa. Editora Paulinas.

## **CDS:**

CD-Rom do projeto "Mapeamento de comunidades negras rurais no Estado do Pará: Territorialidades e modos de vida (NAEA/UFPA)" realizada pelo grupo gestor do Programa Raízes. Coordenação da Pesquisa Edna Castro e Rosa Acevedo Marin.

## **Sites:**

[http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/home\\_brasil.html](http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/home_brasil.html)  
[http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/pa/home\\_pa.htm](http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/pa/home_pa.htm)  
[http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/pa/pa\\_conquistas.html](http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/pa/pa_conquistas.html)  
[http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/pa/pa\\_conquistas\\_raizes.html](http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/pa/pa_conquistas_raizes.html)  
[http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/pa/pa\\_comunidades.html](http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/pa/pa_comunidades.html)  
[www.nossacor.ubbihp.com.br](http://www.nossacor.ubbihp.com.br)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Candomblé>  
<http://www.gula.edicao eletrônica.com.br/>  
<http://tudogostoso.uol.com.br/receita/2998-feijoada.html>  
<http://www.vivabrazil.com/feijoada.htm>  
[http://www.laemcasa.com/box\\_receita.asp?cod=16](http://www.laemcasa.com/box_receita.asp?cod=16)  
<http://www.paratur.pa.gov.br/saibamais/caruru.asp>  
<http://www.cdpara.pa.gov.br/vatapa.php>  
<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Abará>  
[http://pt.wikibooks.org/wiki/Livro\\_de\\_receitas/Aluá](http://pt.wikibooks.org/wiki/Livro_de_receitas/Aluá)  
[http://pt.wikibooks.org/wiki/Livro\\_de\\_receitas/bobo de camarão](http://pt.wikibooks.org/wiki/Livro_de_receitas/bobo_de_camarão)  
<http://tudogostoso.uol.com.br/receita/61-pe-de-moleque.html>  
<http://claudia.abril.com.br/receitas/12649.shtml>  
<http://www.rosanevolpatto.trd.br/dancacarimbo.htm>  
<http://www.amazonia.com.br/folclore/danca8.asp>  
<http://www.geocities.com/frutosdopara/siria.html>  
<http://www.cdpara.pa.gov.br/boi.php>